ANÁLISE DO WÖRTERBUCH DER BOTOKUDENSPRACHE

por

Benedita Aparecida Chavedar Araújo

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Campinas - 1992

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Benedita Aparecida Chavedar Araújo e aprovada pela Comissão Julgadora em 14, 02, 92.

Ar15a
16066/BC
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Aos índios Krenak, exemplo de resistência às adversidades da vida;

Aos meus avós, Jorge (em memória) e Maria, imigrantes búlgaros, falantes de língua "travada" durante muitos anos;

Aos meus pais, João e Maria, "lutadores persistentes" na vida dedicada aos filhos;

Ao Araújo, ao Murilo e à Martha, meus companheiros nesta caminhada, em busca de tempos melhores para todos nós.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus que me supriu de tudo que precisei a fim de levar adiante este projeto de vida profissional.

Em especial agradeço à Profa. Dra. Lucy Seki que sempre me apoiou e que muito me tem ensinado sobre a vida e sobre a pesquisa em comunidades indígenas.

Aos índios Krenak do PI Vanuíre, Tupã em São Paulo e aos da aldeia Krenak às margens do rio Doce, Resplendor em Minas Gerais, a todos eles a minha gratidão.

Agradeço à Funai, ao CNPQ, à Capes, à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e em especial à Academia da Força Aérea - AFA - pelo apoio dado à pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Ulysses Borelli Thomaz Junior, Coordenador da Área de Ciências Físicas e Químicas da Academia da Força Aérea (AFA), por ter-me introduzido no universo dos microcomputadores, bem como agradeço a todos os envolvidos nas Áreas de Computação e Apoio da AFA pela colaboração recebida durante a digitação e impressão deste trabalho.

Enfim agradeço a todos que de alguma forma me apoiaram ao longo destes anos, em que estive envolvida na pesquisa e na redação deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo de cunho filológico, elaborado a partir dos dados contidos na obra Wörterbuch der Botokudensprache do farmacêutico alemão Bruno Rudolph, publicada em 1909. Trata-se do mais extenso material registrando a língua de um subgrupo Botocudo - os Naknanuk - habitantes das matas próximas ao distrito do Mucuri; MG.

Este trabalho analisa a grafia do autor e, a partir dela, extrai informações a respeito da estrutura fonética e faz algumas breves considerações fonológicas. Servem de controle dos dados outras listas de palavras do subgrupo Naknanuk, bem como a língua falada pelos Krenak/Nakrehé, atuais representantes da família lingüística Botocudo, tronco Macro-Jê.

Autora: Benedita Aparecida Chavedar Araújo

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

Índice

Introdução

0.1. Propósito.....04
0.2. Justificativa.....05
0.3. Estrutura do trabalho.....08
Notas

Capítulo 1

1. Informações Gerais

1.1. Dados históricos sobre os Botocudo.....11
1.2. Estudos anteriores.....15
1.3. Outras fontes em que se baseia o trabalho.....18
1.4. Procedimentos metodológicos.....20
Notas

Capítulo 2

2. Situação lingüística da família Botocudo

2.1. Situação lingüística dos atuais representantes....28
2.1.1. Problemas no estudo da língua falada pelos atuais representantes.....31
2.2. Os documentos lingüísticos sobre o Botocudo.....34
2.2.1. A natureza dos documentos.....34

2.2.1.1. O material de Rudolph: informações gerais.....37

2.2.2. A questão da diferenciação lingüística na família Botocudo.....41

Notas

CAPÍTULO 3

3. ANÁLISE DO WÖRTERBUCH DER BOTOKUDENSPRACHE

3.1. Caracterização geral do Wörterbuch.....45

3.2. Grafia e Inventário de sons.....55

3.2.1. Diacríticos.....55

3.2.2. Vogais.....60

3.2.2.1. Vogais orais.....60

3.2.2.2. Vogais nasais.....65

3.2.2.3. Considerações sobre as vogais.....66

3.2.3. Consoantes.....69

3.2.3.1. Oclusivas.....69

3.2.3.1.1. Considerações sobre as oclusivas.....72

3.2.3.2. Africadas.....73

3.2.3.3. Fricativas.....76

3.2.3.4. Flap.....80

3.2.3.5. Nasais.....82

3.2.3.5.1. Nasais vozeadas.....82

3.2.3.5.2. Nasais surdas.....84

3.2.3.5.3. Considerações sobre as nasais.....88
3.2.3.6. Oclusivas e africadas precedidas de nasal vozeada homorgânica.....87
3.2.3.6.1. Considerações sobre as oclusivas e africadas precedidas de nasal.....90
3.2.4. Inventário de sons do Naknanuk.....93
3.2.5. Exemplos de ocorrências dos segmentos consonantais em itens retranscritos.....94
3.2.6. Breves considerações sobre a Fonologia.....98
3.2.6.1. Variação livre.....98
3.2.6.2. Distribuição complementar.....100
Notas

CONCLUSÃO.....104
BIBLIOGRAFIA.....107
APÊNDICE

QUADROS ELABORADOS

Quadro 1 - Indicacão dos sinais gráficos utilizados
por Rudolph.....46
Quadro 2 - Inventário de sons consonantais do Naknanuk.93

ABREVIATURAS DE AUTORES

(Wi.) Maximilian Príncipe de Wied-Neuwied

(Ni.) Nimuendaju

(Re.) Renault

(Ru.) Rudolph

(Si.) Silva

OUTRA ABREVIATURA

Kr.: Krenak/Nakrehé

SÍMBOLOS

[ ] utilizado para indicar transcrição fonética feita a partir do alfabeto de Pike que foi adaptado em virtude dos limites do editor de texto Chi-Writer.

V utilizado para indicar vogal.

C utilizado para indicar consoante.

INTRODUÇÃO

0.1. Propósito

Este trabalho apresenta os resultados de uma análise do Wörterbuch der Botokudensprache, material lingüístico coletado pelo farmacêutico alemão Bruno Rudolph, em 1903, junto aos Naknanuk (Botocudo/Borum) que habitavam as matas próximas ao distrito do Mucuri em Minas Gerais.

Através da análise sistemática do registro buscar-se-á determinar o valor fonético dos sinais gráficos utilizados por Rudolph, e, em parte, sistematizar seus dados. Isto será feito recorrendo-se a outras fontes lingüísticas do Botocudo, inclusive materiais obtidos junto aos falantes de Krenak, atualmente o único representante da família em questão.

Isto permitirá passar dos dados semi-elaborados, tal como se encontram na obra, a dados em condição de serem submetidos a uma futura análise fonológica e gramatical.

O trabalho pretende assim contribuir para o conhecimento da família lingüística Botocudo, uma das menos conhecidas do Brasil, não só tornando possível a análise do Naknanuk em si, mas também propiciando eventuais esclarecimentos que venha a trazer ao estudo do Krenak.

Espera-se que o trabalho represente também uma contribuição com procedimentos de análise aplicáveis a materiais da mesma natureza que o Wörterbuch.

Materiais sobre o Naknanuk existem somente sob a forma de documentos escritos que apresentam uma série de deficiências. Tais documentos, embora capazes de fornecer dados de natureza geral e tipológica (cf. Câmara; 1959), permitem obter apenas uma aproximação do que teria sido a realidade fonética da língua.

Assim, a tentativa aqui feita de determinar, com base nesses materiais, o inventário de sons e suas propriedades fonéticas não somente apresenta lacunas, como tem forçosamente um caráter hipotético.

0.2. Justificativa

A família lingüística Botocudo (Borum), pertencente ao tronco Macro-Jé, é subdividida nos dialetos Krekmum, Naknanuk, Djiporok, Bakuen, Pojitxá, Krenak e Nakrehé (Rodrigues; 1972)

Apesar de seus representantes terem sido contatados desde o século XVI, as línguas/dialetos que constituíam essa família desapareceram quase completamente no decorrer do processo de colonização sem que fossem documentadas cientificamente.

Existem contudo numerosos documentos referentes

à língua de alguns grupos Botocudo, com volume e qualidade variáveis, com dados semi-elaborados, coletados por diferentes profissionais ao longo dos anos.

O único representante atual da família Botocudo é o Krenak/Nakrehé (rio Doce; MG), que sofre um avançado processo de extinção. Embora venha sendo objeto de estudos por parte de lingüistas, o estado em que se encontra a língua coloca várias dificuldades à sua investigação (ver 2.1.1.).

Neste contexto, os documentos lingüísticos existentes sobre os vários grupos Botocudo, apesar das limitações que apresentam, adquirem especial importância, dada a contribuição que podem trazer para o conhecimento da língua em geral e também como subsídio à investigação do Krenak/Nakrehé, no sentido de esclarecer e/ou confirmar aspectos de sua estrutura. Contudo, em virtude das limitações que apresentam, a utilização desses materiais somente será possível mediante uma análise prévia e detalhada dos mesmos.

Por outro lado, conforme observado por Seki, o conhecimento que hoje se tem do Krenak/Nakrehé "obtido diretamente do contato com falantes nativos abre uma nova perspectiva para a abordagem e compreensão desses materais, principalmente levando-se em conta a ausência de diferenças consideráveis entre os dialetos" (Seki; 1990:117).

Justifica-se, portanto, a retomada desses

materiais, e uma análise mais detalhada dos mesmos.

Entre os documentos lingüísticos sobre o Botocudo, o Wörterbuch der Botokudensprache de Bruno Rudolph apresenta-se como o mais indicado para ser submetido a uma análise desse tipo. Ao mesmo tempo em que apresenta características comuns aos demais documentos lingüísticos produzidos até os anos 70 [1], deles se destaca por uma série de aspectos (cf. 3.2.). É a maior coleção de dados lingüísticos semi-elaborados, referente a um subgrupo Botocudo, coletado por mesmo autor e em uma região limitada (distrito do Mucuri;MG).

Na primeira parte da obra de Rudolph, os dados vêm apresentados em dois vocabulários. O primeiro deles, Botocudo-Alemão, contém 3.290 itens muitos dos quais são variantes gráficas de um mesmo termo; o segundo, Alemão-Botocudo, inclui 1.500 itens, sendo que o termo vem muitas vezes acompanhado do contexto no qual foi solicitado (cf.3.1.). A segunda parte contém um conjunto de 338 frases em Botocudo, com tradução alemã. Embora a obra de Rudolph não inclua nenhuma análise da língua, as características apontadas acima conferem-lhe um grande valor, notadamente considerando-se que a maioria dos documentos lingüísticos sobre o Botocudo consistem de simples listas de vocábulos, algumas com um número muito reduzido de itens, só muito raramente incluindo umas poucas frases (cf. Seki; 1990:119-120)[2].

0.3. Estrutura do trabalho

Esta monografia consta de três capítulos. O Capítulo 1 contém informações gerais sobre a história dos Botocudo (1.1.), um resumo sucinto dos estudos anteriores sobre a história e a língua Botocudo (1.2.) e a indicação das fontes em que se baseia o trabalho (1.3.), bem como a descrição da metodologia (1.4.).

O Capítulo 2 coloca a situação lingüística da família Botocudo (2.1.), o estágio atual da língua Krenak/Nakrehé (2.1.) e os problemas encontrados pelos pesquisadores que trabalham na documentação dessa língua (2.1.1.). Apresenta também uma caracterização geral dos documentos lingüísticos existentes (2.2.1.), breve apresentação do material de Rudolph (2.2.1.1.) e algumas considerações sobre a questão da diferenciação lingüística na família Botocudo (2.2.2.).

O Capítulo 3 é dedicado à análise do Wörterbuch der Botokudensprache, de Bruno Rudolph, análise está a ser feita em duas etapas. Num primeiro momento (ver 3.1.) buscar-se-á um reconhecimento geral da obra, tendo em vista definir a natureza das informações nela contidas, caracterizar o registro, verificar a segmentação e identificação dos itens. Numa segunda fase (3.2) proceder-se-á à análise específica da grafia e à determinação do inventário de sons, bem como de suas propriedades fonéticas. O Capítulo inclui ainda algumas

breves colocações sobre variação livre e distribuição complementar.

NOTAS

1. A exceção parece ser o material coletado por Manizer, etnólogo e lingüista russo que em 1915 esteve entre os Botocudo do rio Doce; desse material tem-se acesso apenas aos textos, publicados por Sebestyén (1981).

2. As frases aparecem também em: Anônimo (s/d; ms. inédito), França (1882), Mansur Guérios (1944; ms.inédito), Monteiro (1948), Seki (1980-1982; ms. inédito), Stout (1973; ms. inédito) (cf. Seki; 1990:124-139).

CAPÍTULO 1

1. Informações gerais

1.1. Dados históricos sobre os Botocudo

Os materiais que tratam dos dois primeiros séculos da colonização do Brasil mencionam que, na região compreendida pelos atuais estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, viviam os Aimorés (Aymorés, Guaimurés, Ambarés, Embarés) e os Guerens (Gherens, Grens, Krens), grupos indígenas dados como ancestrais dos Botocudo. Esta denominação se firmou a partir do século XVIII (cf. Emmerich & Monserrat; 1975:5-8).

Entre os traços culturais dos grupos Macro-Jê, encontram-se o caráter nômade e o desmembramento em pequenos grupos, traços estes que se refletem nas inúmeras denominações registradas por diversos profissionais que se aproximaram dos Botocudo. A seguir serão listadas as mais significativas, pois implicam um maior detalhamento dos subgrupos envolvidos, detalhamento este necessário a fim de se introduzir a questão da existência ou não de diferenciação lingüística na família Botocudo (ver 2.2.2.).

Um dos primeiros documentos lingüísticos referente a um subgrupo Botocudo foi produzido em 1816, pelo naturalista alemão Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied (1940). Do ponto de vista geográfico, Wied mencionou a existência de dois grandes grupos de índios Botocudo que viviam respectivamente ao Norte, na bacia do rio Jequitinhonha, e ao Sul, na bacia do rio Doce. Pertenciam, porém, ao mesmo grupo étnico.

À medida em que a região compreendida pelas florestas contíguas aos rios Pardo/BA e Doce/MG foi sendo mais conhecida, foram registrados dados históricos e lingüísticos a respeito dos inúmeros subgrupos Botocudo, cujas denominações estavam freqüentemente ligadas ao nome do líder, como apontam alguns autores nos trechos abaixo destacados.

Segundo Hartt, que esteve entre eles entre 1865 e 1866, "as principais tribus domesticadas são:

a) Os Naknenuks (habitantes da Serra), confederação de várias tribus, que ocupam os vales superiores de Todos os Santos, Poté, e Mucuri, e os aldeamentos do Capitão Felipe, na floresta de São João, do Capitão Poté, na margem do riacho Poté, do Capitão Timoteo, nas cabeceiras do Todos os Santos, etc.

b) As tribus de Pojichá, acampadas três léguas abaixo de Filadélfia.

c) As tribus de Giporok, nas margens do Urucú e Mucuri Inferior.

d) Os Bakués, na margem esquerda do Mucuri.

e) Os Aranaús, nas margens do Surubim e Sassuí." (cf. Hartt; 1941: 633-634).

De acordo com o relatório elaborado por Estigarribia, em 1912 havia os seguintes subgrupos Botocudo no rio Doce: Pojicha, Naknanuk, Nakrehé, Jiporoca, Minhanjirum e Gut-Krak, sendo que este último estava subdividido em dois grupos, um sob liderança do Capitão Tijuque ou Techuk e outro chefiado pelo Capitão Crenac. Estas informações permitem inferir que diferentes subgrupos Botocudo já coexistiam em torno de mesmos Postos Indígenas (PI), fato que se confirma em várias fontes históricas sobre esses índios (cf. Emmerich & Monserrat; 1975:15-16).

Convém mencionar que os diversos subgrupos Botocudo vivenciaram uma história de contato pautada na violência, que para o "branco" era "uma guerra justa" (cf. Marcato; 1979:24), mas para os Botocudo era um "martirológio" (cf. Manizer; 1915). Este processo de repressão culminou com o desaparecimento da maioria dos representantes Botocudo ainda no século XIX e no século XX foram dados já como extintos (Ribeiro; 1957:214).

Em 1973, três representantes do subgrupo Potén foram localizados no município de Itambacuri;MG por Stout (1973) e por Emmerich & Monserrat (1973). Mesmo tendo coletado material lingüístico (três breves listas vocabulares) entre esses índios, as duas últimas

pesquisadoras confirmaram a extinção dos Botocudo (cf. 1975:41).

Em 1977, porém, durante trabalho de campo, Marcato localizou trinta representantes do subgrupo Krenak na Fazenda Guarani, Carmésia; MG (cf. Marcato; 1979:35). Em 1979, Seki visitou os Krenak, na Fazenda Guarani, iniciando o trabalho de documentação da língua.

Em maio de 1980, um grupo composto de vinte e sete pessoas (quinze crianças e doze adultos) abandonou a Fazenda Guarani e retornou ao PI Guido Marlière, na margem esquerda do rio Doce, local atualmente conhecido como aldeia Krenak.

O regresso à terra-mãe foi amplamente divulgado pela imprensa e contribuiu para que a sociedade brasileira como um todo ficasse sabendo que os antigos senhores da zona da mata mineira continuavam sobrevivendo à repressão de quase quatro séculos (cf. Estado de Minas 16:6, 17:9, 18:16, de maio de 1980).

Os remanescentes Botocudo são atualmente conhecidos como Krenak; um grupo maior vive na margem esquerda do rio Doce (Resplendor; MG), sendo que outras famílias vivem no PI Vanuíre (Tupã; SP), no PI Apucarana (Apucarana; PR). Há também Krenak no PI Cachoeirinha (Miranda; MT) e no PI Buriti (Ilha do Bananal; GO). Foi elaborado levantamento das famílias Krenak residentes nos dois primeiros locais, dos demais há apenas notícias dadas pelos índios.

Os Krenak, enquanto grupo, manifestam alto grau de miscigenação, visto que casamentos se deram com membros de outros grupos indígenas como Kaingang, Terena, Maxakali, Guarani, Pancararu, Pataxó, Xerente e também com brancos e negros ou mulatos. (cf. Marcato; 1979:35; ver também Seki (1981) e Silva; 1986:13).

Verifica-se, portanto, que os remanescentes dos diversos subgrupos Botocudo vêm sobrevivendo a um dos mais violentos processos de contato já ocorridos entre uma nação indígena e a sociedade nacional envolvente, processo este cujos reflexos perduram na organização social e também na situação lingüística da comunidade atual conforme será mostrado adiante (cf.2.1., 2.1.1).

1.2. Estudos anteriores

A família lingüística Botocudo é uma das menos conhecidas do Brasil. Entretanto, sobre os Botocudo e sua língua existem vários documentos que foram produzidos principalmente ao longo dos séculos XIX e XX, sob a forma de relatos de viajantes e naturalistas, documentos oficiais, artigos de jornais e também alguns trabalhos específicos sobre eles.

Entre estes materiais destacam-se trabalhos de natureza etnológica, como o de Wied-Neuwied (1940), referente aos Botocudo do rio Jequitinhonha, contatados

em 1816, e o de Manizer (1915), relativo aos Botocudo do rio Doce.

As fontes históricas foram mais recentemente objeto de levantamentos por parte de Emmerich & Monserrat (1975), Marcato (1979), Seki (1986). Na primeira parte do trabalho "Sobre os Aimorés, Krens e Botocudo. Notas Lingüísticas." (1975), Emmerich & Monserrat resumiram cronologicamente a história dos Aimorés aos Botocudo, abrangendo o período de 1555 a 1958. O texto de Marcato, "A repressão contra os Botocudo em Minas Gerais", (1979) aborda detalhadamente a repressão pelos quais passaram os Botocudo no período de 1808 a 1978.

No artigo "Notas para a história dos Botocudo (Borum), Seki (1986), com base em documentos inéditos, trata particularmente da história dos Krenak/Nakrehé, referente ao final da década de 60 e a década de 70.

No que concerne à língua Botocudo, os materiais produzidos até meados do século XX consistem praticamente de listas vocabulares, cujo volume varia consideravelmente (cf. Seki: 1990:124-125).

Esses materiais lingüísticos foram objeto de compilações periódicas. Martius (1863) reuniu sete vocabulários existentes até então; Loukotka (1955) apresentou um levantamento das fontes disponíveis até 1950, das quais conseguiu extrair informações lingüísticas genéricas e fragmentárias em virtude da natureza específica dos materiais utilizados. Emmerich &

Monserrat (1975) apresentaram a análise de vinte e oito vocabulários, com " o objetivo de postular a estrutura fonêmica da língua Botocudo e estabelecer possíveis diferenças dialetais" (cf. Emmerich & Monserrat; 1975:42). Seki (1990) apresentou levantamento e análise dos materiais lingüísticos conhecidos até os anos 80, alguns dos quais inéditos.

Existem também materiais relativos aos Krenak/Nakrehé, a única língua (dialeto) Botocudo ainda falada atualmente. Dentre eles, alguns tratam de questões referentes à situação sociolingüística dos atuais representantes Botocudo. Incluem-se aqui três trabalhos de Seki: "Levantamento populacional e genealógico dos Krenak/Nakrehé" (1981), "Botocudos - Notas para a história de uma sobrevivência" (1984a), texto em que a autora apresenta considerações sobre a situação atual do povo e da língua em conexão com a história do contato, e "Problemas no Estudo de uma língua em Extinção" (1984b), na qual a autora aborda problemas específicos do trabalho de campo com a língua falada pelos atuais representantes.

Ainda sob o enfoque sociolingüístico, há o artigo de Silva "Os índios Krenak e a memória lingüística" (1983), no qual coloca situações de uso atual da língua.

No que se refere à documentação e à análise da língua Krenak/Nakrehé, há os seguintes trabalhos de Seki: "Vocabulário Português - Botocudo (Krenak/Nakrehé)"

(1982); "A Note on the Last Botocudo Language" (1985a); "Descrição fonética e fonológica do Krenak/Nakrehé (1985b); Sintaxe da língua Krenak/Nakrehé (1986a); "Aspectos da Gramática Botocudo" (1987). Há também a monografia de Silva: Descrição Fonética e Análise de alguns Processos Fonológicos da Língua Krenak (1986), onde a autora apresenta descrição fonética e fonológica da língua atualmente falada.

Ainda em relação ao Krenak/Nakrehé, há textos coletados por Manizer em 1915, que foram reproduzidos por Sebestyén (1981).

1.3. OUTRAS FONTES EM QUE SE BASEIA O TRABALHO

Outras fontes de informação para este trabalho originaram-se na pesquisa de campo iniciada em julho de 1981, quando estive, por uma semana, entre os Krenak. Eles viviam então um momento especialmente difícil, ao retornarem à antiga aldeia, na margem esquerda do rio Doce, em Resplendor, Minas Gerais.

Durante aqueles dias estabeleci contato amigável com os representantes da comunidade e nas conversas com eles ouvi inúmeras histórias de violência, relatos de hostilidade do branco, de discriminação da sociedade envolvente, da miséria a que tinham sido submetidos nos

últimos anos, dos acontecimentos que como um todo ainda estavam registrados na memória dos mais velhos.

Através destes mesmos relatos orais, tomei conhecimento da existência de outros Krenak que viviam em diferentes localidades, ao longo do território nacional. Seguindo as indicações fornecidas pelos índios do rio Doce, contatei, em agosto do mesmo ano, três famílias que viviam no PI Vanuíre, em Tupã, São Paulo, contato que deu origem a curtas entrevistas gravadas com três falantes de Botocudo, dois índios (José Anato e Jovelina Cecílio Damaceno) e uma mulher branca - Maria Teresa Adilsa que vivera a infância no rio Doce, entre os índios Krenak, e que fora casada com um deles, Jacó Costa Adilsa, na época, já falecido.

Retornei ao PI Vanuíre em janeiro de 1982 com a Profa. Dra. Lucy Seki que teve a oportunidade de entrevistar dois falantes de Krenak/Nakrehé, entrevistas que ficaram registradas em duas fitas que fazem parte do acervo do Projeto de Documentação da Língua Botocudo[1].

Regressei à aldeia Krenak no rio Doce por mais uma semana em dezembro de 1984. Naquela oportunidade registrei alguns dados lingüísticos com uma informante, Maria Sonia Crenaque, durante curta entrevista gravada.

Foram ao todo quatro breves períodos de contato com os Krenak/Nakrehé e que forneceram dados nos quais se baseiam algumas das afirmações que serão oportunamente colocadas. (cf. 2.1.1.).

1. 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na determinação dos procedimentos a serem adotados na análise do Wörterbuch, de grande auxílio foi o trabalho de D. Rodrigues (1974), que apresenta uma análise fonológica do Guarani do século XVII, documentado pelo Padre Ruiz de Montoya. Previamente à depreensão do sistema fonológico da língua, a autora fez uma análise "grafêmica" do material, na qual considerou: 1) a indicação explícita da natureza do som por Montoya; 2) o valor que tinham no Espanhol as letras utilizadas na escrita do Guarani; 3) particularidades da escrita do Espanhol de Montoya; 4) a ordenação alfabética do dicionário; 5) a provável coerência do sistema fonológico do Guarani e 6) a situação correspondente em dialetos Guarani atuais (cf. D. Rodrigues, 1974:11-12).

Alguns destes procedimentos foram adotados no presente trabalho (cf. págs. 23 e seguintes), porém não foram suficientes para o tratamento do material de Rudolph sobre o Botocudo, posto que se trata de uma situação muito distinta daquela do Guarani. De fato, o material em que se baseou D. Rodrigues é evidentemente superior, tanto sob o aspecto quantitativo, quanto sob o aspecto qualitativo. Inclui gramática, dicionário e textos, cujo autor detinha um contato contínuo de 25 anos com os falantes nativos e possuía, portanto, um sólido

conhecimento da língua. Rudolph, ao contrário, não conhecia o Botocudo, como ele mesmo afirma na Introdução do Wörterbuch der Botokudensprache, e limitou-se a registrar itens lexicais e frases.

Assim, na análise da obra de Rudolph foi necessário recorrer a outras fontes lingüísticas do Botocudo, a fim de complementar e/ou extrair evidências para as conclusões relativas à grafia, identificação dos itens, etc. Por apresentarem inúmeros problemas, esses materiais tiveram de ser submetidos a uma análise prévia.

Nesta análise foram consideradas colocações feitas por Câmara (1977), em relação a listas vocabulares em geral; por Emmerich & Monserrat (1975) e por Seki (1990) sobre materiais lingüísticos do Botocudo.

Outro material que forneceu subsídios à análise das listas vocabulares, porque justamente observa que delas é possível extrair dados de natureza tipológica, foi o artigo de Câmara (1959) sobre o Akroá, registrado por Martius, no qual o autor sugere alguns aspectos e procedimentos a serem observados pelo pesquisador que trabalha com materiais desse tipo, entre eles a utilização de diferentes registros como base para identificação dos sons.

Para o reconhecimento geral do Wörterbuch (cf.1.2.), fez-se inicialmente uma organização dos dados. Neste sentido, depois de ter a obra traduzida para o Português, as frases e itens lexicais foram fichados,

indicando-se, em cada caso, a tradução portuguesa. Nesta etapa, foram consideradas como palavras as seqüências de letras separadas por espaços, e a elas foi associada a significação proposta pelo autor. Posteriormente algumas destas anotações foram retificadas, em resultado da análise do material (cf. 3.2.).

O fichamento facilitou a análise do material, permitindo:

1) estabelecer uma comparação entre os itens do Vocabulário Botocudo- (Alemão) Português e inverso, e verificar a correspondência entre eles;

2) verificar a tradução proposta por Rudolph para itens lexicais isolados, locuções e frases;

3) agrupar os diferentes registros de itens com um mesmo significado;

4) identificar, entre várias alternativas incluídas num mesmo verbete do Vocabulário Português (Alemão)-Botocudo aquela que realmente corresponde ao item;

5) verificar a segmentação.

As observações resultantes desta fase vêm apresentadas no item 3.2.

Posteriomente outras listas vocabulares selecionadas como material de apoio foram também fichadas da forma descrita acima.

A interpretação dos sinais gráficos utilizados no Wörterbuch e a determinação das propriedades fonéticas dos sons por eles representados foram feitas com base nos seguintes tipos de evidências:

1) indicações fornecidas pelo próprio Rudolph;

2) o valor que têm no Alemão as letras ou grupos de letras usados por Rudolph na escrita do Botocudo;

3) variação sistemática na grafia de itens lexicais registrados mais de uma vez no corpo do próprio Wörterbuch;

4) a grafia utilizada em outras listas vocabulares para o registro dos itens lexicais correspondentes àqueles do Wörterbuch;

5) confronto com a situação correspondente no Krenak/Nakrehé.

A seleção dos materiais de apoio fez-se com base nos resultados da análise prévia dos documentos lingüísticos sobre o Botocudo. Nesta seleção levou-se em

conta o subgrupo envolvido, a nacionalidade do autor e o tipo de grafia utilizado, e em parte também o volume de dados.

Considerando-se a possibilidade de diferenças dialetais mesmo que mínimas, deu-se preferência a listas referentes ao Naknanuk e/ou subgrupos situados ao norte do rio Doce.

No que diz respeito à nacionalidade do autor e à grafia, foram selecionadas:

a) listas de autores alemães, tendo em vista confirmar particularidades da escrita de Rudolph, relacionadas à grafia alemã;

b) listas de autores franceses, que revelam maior acuidade no registro de certos sons, como por exemplo, nasais em final de palavra, e que podem, assim, contribuir para o reconhecimento do inventário de sons do Naknanuk documentado por Rudolph.

As listas vocabulares utilizadas como material de apoio foram:

1. **Renault**, Pierre Victor - "Deux vocabulaires de la langue des Botocudos".

Os dois vocabulários - "Langue des Nak-Nanuks

(habitants des montagnes)" e "Langue des Jüporocas, Boutourounas et Craikmouses" foram coletados em 1836, na região dos rios Mucury, Jequitinhonha, Todos os Santos e Doce. Contêm, respectivamente, 275 e 459 itens lexicais anotados com grafia francesa (cf. Renault; 1951).

2. **Renault**, Pedro Vitor -"Vocabulário da língua dos Botocudos Nacnanuks e Giporocas, habitantes das margens dos Rios Mucury e Todos-os-Santos, também idêntico ao dos Kraik-mús habitantes das margens do Rio Gequitinhonha".

Esse vocabulário, com 704 itens lexiciais, é basicamente uma reunião dos dois mencionados anteriormente, porém traduzidos ao Português. A grafia utilizada é portuguesa e francesa (cf. Renault, 1903).

3. **Wied-Neuwied**, Maximilian Prins zu - "Vocabulário dos Botocudos".

É uma lista de 459 itens lexicais coletados em 1816 entre os Botocudo (Krakmum) do rio Jequitinhonha (Wied-Neuwied; 1940).

Além desses documentos, foram também utilizadas, embora em menor proporção, outras listas vocabulares, entre elas a de Monteiro - Vocabulário Português-Botocudo

(1948); Nimuendaju - "Vocabulários Botocudos: Nakynianuk, Arana, Nakrehé, Nakpie e Minyayirung" (1939); Stout - "Relatório lingüístico ao General Demócrito Soares de Oliveira" (1973).

Foram ainda utilizados os materiais lingüísticos sobre o Krenak/Nakrehé, indicados no item 1.2. (p.17). Conforme já se mencionou, trata-se da única documentação existente sobre uma língua Botocudo, de natureza mais abrangente e detalhada a nível fonético, fonológico e também gramatical, produzida por lingüistas profissionais, e que inclui registros magnetofônicos. Assim, os dados do Krenak-Nakrehé foram usados como base geral de comparação e, sobretudo, para confirmar inferências feitas a partir dos demais tipos de evidência.

Na utilização desses materiais, principalmente os do Krenak/Nakrehé, levou-se em consideração o fato de terem sido produzidos em diferentes situações geográficas e em diferentes momentos, bem como a possibilidade de refletirem mudanças históricas em curso ou já estabelecidas na língua Botocudo.

As observações sobre a fonologia baseiam-se em princípios estruturalistas.

NOTAS

1. Os materiais disponíveis sobre a língua Botocudo incluem várias fitas que foram gravadas por Seki no período de 1979 a 1982, e que fazem parte do Projeto de Documentação da Língua Botocudo.

CAPÍTULO 2

2. SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DA FAMÍLIA BOTOCUDO

2.1. A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ATUAIS REPRESENTANTES

Durante a pesquisa de campo realizada em 1981 e 1984, pude observar, tanto na aldeia Krenak, quanto no PI Vanuíre, que os Krenak viviam momentos decisivos no uso da língua materna, já reduzida à condição de língua minoritária face ao confronto com o Português, que se impõe como língua dominante até mesmo na interação social dentro do próprio grupo.

Na aldeia Krenak, em 1981, cerca de dez indivíduos, predominantemente mulheres, entre 40 e 50 anos, faziam uso da "linguagem" em poucas situações que incluíam apenas falantes nativos, tais como conversas particulares, pequenos diálogos domésticos, situações das quais não queriam que eu participasse.

Para Seki, mesmo os representantes que não dominam a língua encaram-na como marca étnica, como o único bem que lhes restou, "como o último reduto no qual concentram forças contra a incursão dos civilizados" (1984b:5).

Além dessa função de resistência a língua revela também a função ritualística, ligada ao uso de fórmulas mágicas que teriam o poder de controlar as enchentes do rio Doce e a função estética, nos cânticos cujos temas tratam da vida em comunidade (Seki; 1984b:5).

No decorrer dos meus contatos com o grupo, pude confirmar que a língua materna não estava sendo usada para a comunicação, no sentido amplo do termo, porém mantinha funções ligadas à solidariedade e à resistência, sendo considerada como fator de identidade étnica. Os falantes mais velhos do grupo tentavam ensiná-la aos mais jovens, pois percebiam que o uso da língua materna reforçaria os laços grupais, garantindo a sobrevivência de todos enquanto nação.

Demonstravam grande alegria quando as crianças pronunciavam alguma palavra em Krenak. Como exemplo, cito um fato ocorrido em 1984, durante uma curtíssima entrevista, na qual eu fazia transcrição fonética de itens lexicais elicitados a uma informante. Percebi nela um momento de indecisão, de hesitação, quando solicitei o equivalente à palavra "sal". Seu filho, um menino de quatro anos que brincava próximo a nós, respondeu imediatamente ['tʃ̆ak], para espanto da mãe que, emocionada, deu-lhe um abraço carinhoso.

Entretanto, sempre que eram estimulados a usar a língua materna, os falantes diziam que muitas pessoas da própria comunidade indígena e de fora dela quiseram

aprender a "linguagem", mas não haviam conseguido, porque era muito difícil.

Esta postura estaria realmente relacionada às dificuldades no aprendizado da língua indígena como segunda língua, ou refletiria uma situação de desprestígio dessa língua, caso em que os membros da comunidade não desejam de fato aprendê-la?

No PI Vanuíre, em 1981, apenas dois homens e uma mulher, os três com mais de 50 anos, mantinham domínio passivo da língua materna. Durante uma entrevista, elaborada pela Profa. Dra. Lucy Seki, na qual estive presente, foi possível observar que, não raro, os falantes tinham que pensar por alguns momentos, mesmo quando os itens lexicais solicitados se referiam a partes do corpo, elementos da natureza, itens aparentemente comuns nas línguas e freqüentes nas listas vocabulares referentes ao Botocudo.

Foi possível observar que no PI Vanuíre os índios não querem esquecer a língua materna, mas pouco a usam, pois alegam que não podem fazê-lo porque vivem em terra de Kaingang. Ao lado deste impasse, está a tristeza e a saudade, pois falar sobre a língua e falar na língua materna fez com que eles se lembrassem de fatos ocorridos no passado.

Dessa forma, constatou-se que, também no PI Vanuíre, a língua está ligada a marcas étnicas, porém as condições de sobrevivência são ainda mais limitadas do

que aquelas existentes na aldeia Krenak.

Conquanto não seja possível desenvolver o tema, gostaria de observar que, do meu idealizado ponto de vista, há possibilidade de os atuais representantes Botocudo reverterem o processo em que se encontra a língua, se as condições de vida melhorarem e se um trabalho de apoio for feito por lingüistas, antropólogos e demais profissionais em contato com os Krenak.

Cabe mencionar ainda que o processo de revitalização passa por questões de ordem não lingüística, como a própria sobrevivência de cada um dos indivíduos, além da complicada questão da posse da terra às margens do rio Doce (cf. Silva; 1986:5-8).

A seguir serão comentados os problemas surgidos na pesquisa de campo do Krenak/Nakrehé, enquanto uma língua em processo de extinção.

2. 1. 1. Problemas no estudo da língua falada pelos atuais representantes

A documentação da língua falada atualmente tem passado por inúmeras dificuldades, parte das quais pude vivenciar durante o trabalho de campo. No PI Vanuíre, por exemplo, apenas José Anato, forneceu-me alguns itens lexicais e algumas frases que solicitei com base no material de Monteiro do Amaral (1948). O informante,

porém, revelou certo embaraço durante a entrevista, comportamento este que atribuí inicialmente ao fato de se tratar de um primeiro contato.

Contudo, Silva (cf. 1986:2-3) igualmente experimentou dificuldades, e Seki, em "Problemas no estudo de uma língua em extinção " (1984b), inventariou algumas delas, decorrentes da situação específica do grupo Krenak e do estado particular em que se encontra a língua.

Com relação aos problemas ligados aos informantes do rio Doce, Seki coloca várias questões. Uma delas refere-se à situação de contato inicial na qual o pesquisador é tratado com desconfiança. Tal atitude tem justificativa na história de violência que marcou o contato dos Krenak com o "brancos". Tendem, pois, a encarar as pessoas, que chegam à aldeia do rio Doce, como "um civilizado a mais pronto a enganá-los e a explorá-los" (cf. Seki; 1984b:6).

A outra questão é a rivalidade histórica existente entre os representantes de diferentes subgrupos, fato que impossibilita, muitas vezes, o trabalho com distintos informantes dos diferentes subgrupos ali representados.

A autora trata da atitude, em princípio negativa, que a comunidade do rio Doce assume diante do pesquisador que deseja aprender a língua, comportamento possivelmente ligado à função de resistência de que está

imbuída a língua.

A pesquisadora menciona, ainda, que o número reduzido de informantes potenciais, o uso limitado da língua, bem como a dispersão deles, dificultam a coleta, a ampliação e o controle sobre o material coletado.

Quanto à coleta de dados feita através de questionários que, apesar de limitados, permitem, na fase inicial do trabalho, um rápido domínio das estruturas lingüísticas, Seki menciona que o uso dos roteiros pré-estabelecidos torna-se inviável diante do esquecimento revelado pelo falante, e pela dificuldade em coadunar esses roteiros com certas particularidades culturais do povo Botocudo, que já não se manifestam claramente (cf. Seki; 1984b:7)

Outra questão extremamente importante refere-se à dificuldade concreta que tem o pesquisador de conseguir textos coesos dos falantes atuais[4].

Os problemas encontrados pelos pesquisadores no trabalho como o Krenak/Nakrehé deixam patente o interesse e a importância de se examinar os materiais existentes sobre a língua Botocudo, produzidos ao longo do tempo, enquanto única fonte alternativa de conhecimento sobre a língua.

No que segue, será apresentada uma caracterização geral das fontes (ver 2.2.) e será abordada a questão da diferenciação lingüística na família Botocudo (2.2.2.), tendo em vista:

a) determinar, em princípio, a possibilidade de utilização desses materiais e o grau em que isto pode ser feito,

b) fundamentar a seleção de documentos específicos, particularmente o Wörterbuch der Botokudensprache, bem como dos procedimentos a serem adotados na análise concreta dos documentos selecionados.

2. 2. Os documentos lingüísticos sobre o Botocudo

2. 2. 1. A natureza dos documentos

Os documentos lingüísticos sobre os Botocudo foram produzidos em distintos momentos do século XIX e início do século XX por um grupo muito heterogêneo de pessoas quanto à nacionalidade e à ocupação a que se dedicavam.

Eram naturalistas, geógrafos, engenheiros, militares, etnólogos, farmacêutico (Rudolph), entre outros, em sua maioria de nacionalidade alemã, francesa, portuguesa e brasileira, que abordavam a língua, via de regra, enquanto um meio de alcançar objetivos extralingüísticos.

Seki (1990) localizou cinqüenta e oito listas vocabulares com quantidade variável de itens lexicais

(cf. Seki;1990:120), nas quais pouca ou nenhuma atenção foi dada à estrutura gramatical e ao sistema fonético e fonológico da língua. Em sua maior parte, essas listas foram compostas aleatoriamente de modo que não há, ou é muito pequena, a coincidência de conteúdo entre diferentes documentos.

Excetuam-se, em parte, algumas listas produzidas por etnólogos, principalmente alemães, que realizaram sua coleta segundo os - Leitwörter (vocábulos guias) - nos quais foram privilegiados certos conjuntos semânticos, tipicamente termos de parentesco, partes do corpo, objetos da cultura material, elementos da natureza, alguns verbos e alguns adjetivos.(cf. Mattoso Câmara; 1977:125).

Os registros deixados por esses coletores, não lingüistas, (o Botocudo seria abordado por pessoas com maior ou menor preparo lingüístico somente a partir de 1915, com Manizer), foi feito através de transcrições impressionísticas nem sempre coerentes, com base na grafia de línguas indo-européias, geralmente a materna de cada um. Não raro a coleta de dados se fazia através da pronúncia dos intérpretes, e apenas em alguns casos há indicação do nome do grupo, do local da coleta, dos procedimentos utilizados, etc.

Um deles é o de Saint-Hilaire, que assim descreveu a maneira como coletou em 1817, por meio de intérprete, quarenta palavras de um índio Krakmum do rio

Jequitinhonha:

> " Dizia as palavras, em português, a um negro do comandante, que aprendera a língua desses selvagens, fazia repetir as traduções do negro por um Botocudo da tropa de Jan-oé e escrevi-as em seguida. Após ter posto sobre o papel as palavras, que me tinham sido ditadas em idioma Botocudo, li-as ao índio de Jan-oé, fazendo com que mostrasse os objetos que representavam essas palavras; quando não me compreendia bem, fazia repetir essas mesmas palavras pelo negro Julião e, depois disso, corrigia o que escrevera." (cf. Saint-Hilaire; 1938:133-134)

De modo geral, contudo os autores quiseram representar os sons que ouviram da melhor maneira possível (Câmara; 1977:117).

Cumpre ainda observar que alguns dos que se ocuparam com a língua Botocudo até os anos 70 revelaram uma maior sensibidade, ou mesmo possuíam um maior ou menor preparo lingüístico. Entretanto, os materiais por eles produzidos ou são inacessíveis (Manizer; 1915) ou são muito exíguos (veja-se a respeito Seki; 1990:115-142).

Conforme será mostrado em detalhe no item 3.1., o Wörterbuch der Botokudensprache, objeto específico de estudo no presente trabalho, ao mesmo tempo em que apresenta muitas das imperfeições características dos documentos lingüísticos sobre os Botocudo, deles se destaca por uma série de aspectos positivos.

No que diz respeito à contribuição das fontes lingüísticas, Mattoso Câmara considera que " o exame das listas vocabulares, mesmo as menos satisfatórias em refência ao registro fonético e à análise da composição dos vocábulos colhidos ", (cf. Câmara; 1959:26) pode revelar dados tipológicos sobre as línguas nelas registradas.

Em relação ao Botocudo, segundo Seki, o conhecimento propiciado pela investigação da língua Krenak "abre uma nova perspectiva para a abordagem e compreensão desses materiais, principalmente levando-se em conta a ausência de diferenças consideráveis entre os dialetos "(Seki; 1990:122-123), conforme será tratado a seguir.

2. 2. 1. 1. O MATERIAL DE RUDOLPH: INFORMAÇÕES GERAIS

Bruno Rudolph era um farmacêutico alemão,

residente em Teófilo Otoni [2], que, por algum motivo, aproximou-se dos Naknanuk, habitantes das matas contíguas aos rios Mucuri, Todos Santos, São Matheus e Preto, ao norte de Minas Gerais, e, em 1903, registrou-lhes a língua.

Os materiais de Rudolph chegaram até os dias de hoje através de em texto editado por Edward Seler, em Hamburgo, 1909, sob o título Wörterbuch der Botokudensprache.

Conforme mencionado, trata-se do mais extenso material referente à língua Botocudo, abrangendo:

1) um Prefácio do editor e uma Introdução do autor;

2) um vocabulário Botocudo-Alemão, com 3.290 verbetes, muitos dos quais apresentam variantes de um mesmo termo;

3) um vocabulário Alemão-Botocudo, com 1.500 verbetes, sendo que os itens Botocudo vêm muitas vezes apresentados em locuções ou frases indicando o contexto;

4) um conjunto de 336 frases em Botocudo, seguida de sua tradução para o Alemão;

5) um diálogo (incluído no conjunto de frases) entre M (Mawon "inimigo, mestiço de preto com Botocudo")

e K (Kan-Jirun, cacique dos Pojiča), registrado em situação de contato belicoso entre os envolvidos.

No Prefácio, o Editor faz um rápido apanhado de materais existentes sobre os Botocudo, mencionando os trabalhos de Wied-Neuwied (1940)[3], Saint-Hilaire (1938), Ottoni (1858), Tschudi (1966), Hartt (1941), Ehrenreich (1887), Martius (1969), Marlière (1905), von Eschwege (1818), Jomard (1847) e Renault (in Castelnau; 1852) e observa que "isso é praticamente tudo o que conhecemos a respeito da língua desse povo estranho." (cf. Prefácio do Wörterbuch, p. 3-4). Justifica, assim, a importância da publicação dos materiais de Rudolph, provenientes "do distrito de Mucury, região onde sempre - desde os tempos remotos - habitavam os botocudo e também a tribo dos Naknenuk". Segundo o Editor, o vocabulário "é mais amplo do que as listas de palavras publicadas."

Seler informa que apenas "coordenou" o valioso material coletado por Rudolph, porém não explicitou o significado de coordenar.

Ao referir-se aos textos reproduzidos no final da obra de Rudolph, Seler conclui seu Prefácio com as seguintes palavras:

> "Fiquei triste ao ler os discursos no final deste trecho monstrando uma simplicidade que comove e transmitindo uma imagem

> à respeito de uma querra racista, que se trava ainda infelizmente nas fronteiras indígenas, pois o desenvolvimento econômico e os interesses dos brancos são mais importantes do que os indígenas. Os índios constituem para muitos brancos um perigo nas áreas em questão." (cf. Seler; Prefácio, p. V).

Rudolph, por sua vez, informa na Introdução ao Vocabulário que incluiu na obra somente dados que ele mesmo coletou, e que na sua opinião a coleção abrange a maior parte do vocabulário dos Botocudo.

A coleta foi feita em diferentes tribos que habitavam as florestas dos rios Mucuri, Todos os Santos, São Matheus e Preto. Acrescenta ainda que, conforme verificou, não havia diferenças lingüísticas consideráveis entre eles, bem como não havia índios de outras famílias lingüísticas naquela região.

Dá, também, informação inédita ao mencionar que os Pojiča falavam, além do Botocudo, uma outra língua incompreensível para os demais subgrupos, usada em comunicação secreta. Acrescenta ainda algumas poucas informações de natureza impressionística, muitas vezes ingênuas, sobre a língua, informações estas que serão comentadas no decorrer deste trabalho.

Rudolph informa que tentou "reproduzir ao pé da

letra" os textos anexos ao vocabulário, e que escolheu "aqueles que permitem dar uma idéia a respeito do modo de pensar e do caráter desse povo que está à beira da extinção" (cf. Introdução, p.VIII).

2. 2. 2. A QUESTÃO DA DIFERENCIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA FAMÍLIA BOTOCUDO

O nomadismo e o desmembramento em subgrupos, bandos ou famílias são traços culturais típicos dos Botocudo (Emmerich & Monserrat; 1975:17) e se refletem na existência de inúmeras denominações presentes nas fontes históricas, inclusive nos vocabulários.

Essas mesmas fontes concordam nos depoimentos de que havia "mútua inteligibidade entre os diferentes subgrupos", de que todos falavam uma mesma língua, ou ainda que não havia diferenças lingüísticas consideráveis entre eles (cf. Emmerich & Monserrat; 1975:29)

A menção à ausência de diferenças lingüísticas consideráveis permite inferir que as diferenças ocorriam a nível fonético ou lexical, o que é explicitamente colocado por Estigarribia:

> "... todos os índios com que tenho estado em contato, falam a mesma língua, com variantes de entonação e no que posso agora

> perceber, com muita pequena diferença no nome dos objetos, ou direi melhor, todos se entendem na língua que falam." (Estigarribia; 1994:20).

Cumpre observar que, na análise comparativa das fontes lingüísticas, é quase sempre possível reconhecer os itens, apesar da diversidade dos autores, dos subgrupos e da transcrição utilizada.

Contudo, a natureza dessas fontes dificulta uma análise comparativa e a focalização de detalhes (cf. Seki;1990:120), pois, conforme mencionado, há uma grande heterogeneidade no número, na escolha e na qualidade de registro dos itens lexicais. No trabalho "Sobre os Aimorés, Krens e Botocudo", Emmerich & Monserrat chegaram à conclusão de que "com base nas fontes lingüísticas existentes é demasiado precária a possibilidade de estabelecer uma divisão da língua Botocudo em um determinado número de dialetos, ou de considerar o Botocudo como uma família lingüística integrada por várias línguas designadas por Krekmum, Nakrehé, Pojicha, etc." (cf. Emmerich e Monserrat; 1975:39).

As considerações feitas permitem concluir que os diversos subgrupos Botocudo falavam essencialmente uma mesma língua, e que portanto é possível utilizar as fontes complementarmente. Por outro lado, a constatação

de que existiam diferenças, ainda que "não consideráveis", impõe limites a essa utilização, principalmente no que se refere ao nível fonético-fonológico, e implica a adoção de certos critérios na seleção e na análise dos materiais.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

NOTAS

1. Seki documentou cartas gravadas, nas quais o informante relata os acontecimentos ocorridos com seus familiares (cf. Seki; 1990:119).

2. Não foi possível localizar a biografia de Bruno Rudolph, dele se sabe apenas o que foi informado por Seler, o editor do Wörterbuch der Botokudensprache.

3. Entre parênteses estão as datas de publicação que aparecem na Bibliografia deste trabalho.

CAPÍTULO 3

3. ANÁLISE DO WÖRTERBUCH DER BOTOKUDENSPRACHE[1]

3. 1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO WÖRTERBUCH

Rudolph registrou os dados lingüísticos do Botocudo de uma forma impressionística, utilizando um sistema particular de sinais gráficos baseado sobretudo na grafia alemã.

Na Introdução ao Wörterbuch, o autor incluiu indicações sobre o valor de alguns dos sinais gráficos que utilizou, e que vem reproduzidos no Quadro 1, alocado na página 46.

Além desses sinais, há outros na obra, sobre os quais nenhum comentário foi feito. Entre eles, incluem-se diacríticos que aparecem esporadicamente e de maneira assistemática.

QUADRO 1 - INDICAÇÕES DE SINAIS GRÁFICOS UTILIZADOS POR RUDOLPH

Botocudo	Alemão	Francês	Português
sch	Schiff		
J	Jahr		
tsch	Tschako		
dsch	Deschengis Kan		
ch	auch		
o			ão
tõ		ton	
ã	ang		
njem (o n é falado rapidamente e sem o e)			

Tanto no Vocabulário Botocudo-Alemão como no Alemão-Botocudo, são inúmeras as ocorrências de variações no registro dos itens. Essas variações estão relacionadas a distintos fatores e, embora nem sempre seja possível determinar com precisão qual deles está em jogo, em muitos casos isto pode ser feito.

Algumas variações decorrem simplesmente de erros gráficos, surgidos provavelmente no processo de impressão dos originais, que se supõe eram manuscritos:

(01) tinun kuran nuk;[2] ti mum kuran nuk

"eu não quero ir"

Outras refletem diferentes maneiras de registrar o som, possivelmente por interferência do Alemão ou Português:

(02) a) ahum; arum "tosse"

b) injep; inhep "estar sentado"

Em certos casos, as variações no registro estão ligadas à dificuldade de percepção de sons não existentes em línguas européias, ou com características distintas daquelas existentes nessas línguas.

(03) a) kle; kre "aqui"

b) numlin; numrin; numrlin "atirar"

Neste grupo incluem-se também variações no registro de oclusivas surdas, notadamente, mas não exclusivamente, antes de consoantes nasais e em fim de palavra[3].

(04) a) nup; nuk "negação"

b) pota; kota "homem"

(05) a) pmak; kmak "perna"

b) tnem; knem "arco"

Há casos de variações que refletem alternâncias de fato existentes na língua, seja a nível fonético, seja a nível fonológico.

(06) a) angrop; ankrop "através"

b) kukijun; kukischum "estar com sono"

Muitas das variações presentes no Wörterbuch se devem a dúvidas na segmentação, decorrentes de ausência de análise morfológica. As variantes aparecem ora com prefixos, ora sem eles, em diferentes verbetes do vocabulário.

(07) a) kijak; jak "irmão"

b) kijopu; jopu "mãe"

c) hapiki; kiapiki; apiki "boca"

Por outro lado, uma série de variantes com "sílabas extras" estão relacionadas à presença de glides vocálicos e à dificuldade do coletor em perceber seqüências de sons consonantais.

De fato, no vocabulário de Rudolph, observa-se a freqüente presença de segmentos vocálicos em posição inicial de palavra, precedendo consoante, e esporadicamente também em posição medial de palavra, entre consoante e r.

No primeiro caso ocorre geralmente um e ou i, por vezes precedidos de h:

(08) a) empehek; pehek "bocejar"

b) hingran ;gran "cobra"

c) hingora; ngora "mulher não Botocudo"

d) intan; tan "torto, curvo"

No segundo caso, o segmento vocálico é geralmente idêntico à vogal que precede ou segue o grupo consonantal:

(09) a) hakare; hakre "onde"

b) emburuk, mbruk "vermelho"

Há evidências de que se trata de glides, isto é, de que não têm caráter silábico, e, de que em certos casos a inserção desses segmentos resulta da interferência da língua materna dos coletores ou da grafia dessas línguas na percepção e no registro de seqüências ou combinações de sons não permitidas na estrutura da língua do coletor.

Rudolph não conhecia a língua, conforme afirma na Introdução ao Wörterbuch. Ao que tudo indica, a coleta de dados foi feita em grande parte (senão no todo) por meio de mímica ou da indicação de objetos. Disso decorrem

traduções imprecisas, porém ligadas ao contexto em que foi feita a pergunta, como nos seguintes exemplos, nos quais a tradução correta é indicada entre parênteses.

(10) **doce:** a) jipokane ("banana")
b) gumrin nek ("cana doce")
c) tschin nik ("carne de animal")

(11) **pedra:** a) takruk ("pedra")
b) maram ("duro")

(12) **longe:** a) gamra; amrá ("lá")
b) huva an ("longe")
c) nangrin pip ("eles veem")

(13) **sol:** a) taru ("céu")
b) taru tepo ("céu, sol")
c) tepo jitscha ("sol quente")

(14) **bebê, criança de peito:**
a) parăk jop ("amamentar, sugar o leite")
b) nan tõn tõn ("criança")
c) kruk min ("filhinho")

Em resultado, são inúmeras as ocorrências de locuções e frases como equivalentes a itens lexicais

isolados. E nessas, é extremamente freqüente a presença da palavra **tschin** "animal, caça, bicho, carne", elemento que naturalmente fazia parte do cotidiano do povo Botocudo, que vivia principalmente da caça, além da pesca e coleta.

A palavra **tschin** aparece predominantemente nos verbetes que contêm itens lexicais referentes a partes do corpo e relacionados ao contexto da caça, como nos seguintes exemplos:

(15) a) **dente:** tschini jun ("dente de animal")

b) **engolir:** tschini ankut ("comer carne de bicho")

c) **fígado:** tschin kupan ("fígado de animal")

d) **pele:** tschini kat ("pele de animal")

e) **peito:** tschin tmim ("peito de animal")

f) **atirar, lançar:** tschin anglin ("atirar na caça")

g) **ajudar:** tschin a hut ("levantar o animal, caça")

Observa-se também que a tradução indicada no Wörterbuch para itens lexicais isolados nem sempre coincide com aquela apresentada para os mesmos itens, quando ocorrem em locuções e frases:

(16) a) mulher: injuknan

b) homem: uaha

c) moça: injuknan waha (liter.: mulher homem)

Conforme revelou a análise, há casos em que ocorre a situação inversa, isto é, a tradução da frase é correta, mas não a dos elementos que a constituem:

(17) amiampram kuran nuk

"eu não quero falar"

("eu não quero conversar")

Na tentativa de explicar tais situações, Rudolph chega a alguns malabarismos. Com relação ao exemplo em (17), assim decompõe o termo **amiampram**:

am = an - "ser, estar (Al. "sein")

mia - "mastigar" (Al. "kauen")

pram - "querer" (Al. "wollen")

A interpretação dada por Rudolph tem sua origem em uma seqüência de equívocos na transcrição, na segmentação e na identificação dos elementos.

De fato, o termo Botocudo correspondente a "conversar" ocorre no Wörterbuch com as seguintes variações no registro: **amiampram** ~ **amiampmeram** ~ **amiam meram**; das quais a mais aproximada é a segunda (cf. Kr.: [?ámñapm̥ǎrãŋ][4]).

Tendo adotado como ponto de partida a primeira variante de registro, **amiampram**, Rudolph segmentou-a erroneamente, identificando **pram** como "querer", elemento de fato existente na língua (cf. Kr.: [prãm] "querer"). Porém o elemento que na construção (17) corresponde a "querer" é **kuran**. É interessante constatar que, sendo um elemento muito freqüente na língua, **kuran** não tenha sido corretamente identificado por Rudolph em nenhum ponto do vocabulário. O autor dá como equivalentes na língua alemã para esse item: "viajar (Al. reisen)" e "vamos, partir (Al. fort)".

Um outro exemplo que bem ilustra erros de segmentação e, como conseqüência, de interpretação, é dado a seguir:

(18) a) ampak "urubu"

b) ampak kui "rio acima"

Na realidade, "rio acima" corresponde a **am mpakui**, em que **am** é um indefinido e **mpakui** é "acima" (cf. Kr.: [mba ˈ kwi?]). Rudolph tenta, de uma forma extremamente ingênua, explicar a presença de **ampak** (cf. Kr.: [ãmbəʔ]) "urubu" na expressão "rio acima" com a seguinte observação: "remar é como um bom cheiro de urubu morto".

As homonímias são igualmente freqüentes, e muitas vezes resultam da simplificação fonética ocorrida na grafia do material:

(19) a) hingran "cobra [cf. kr.: ˈŋgrãŋ]
b) hingran "nós, nosso" (cf. kr.: [ˈŋgrẽn])

(20) a) pram "querer" (cf. kr.: [ˈprɔ̃m])
b) pram "duro" (cf. kr.: [ˈm̥rɔ̃m])

As colocações acima demostram que Rudolph realmente desconhecia a língua e que não procedeu à análise morfológica e gramatical, ou que o fez de maneira muito rudimentar. Contudo, teve o mérito de reconhecer isso, e procurou registrar as diferentes impressões, ou possibilidades, enriquecendo desta forma, o conteúdo de sua obra. De fato, se por um lado o registro de muitas variantes torna mais trabalhosa a análise do conteúdo do Wörterbuch, por outro lado este mesmo fato apresenta

aspectos positivos, proporcionando, na maioria das vezes, a chave para se inferir sobre a natureza dos sons (cf. 3.2.) ou, como já observado por Seki (1986:21), para a obtenção de informações suplementares sobre a língua.

3. 2. Grafia e Inventário de sons

Para registrar os sons vocálicos do Naknanuk, Rudolph utilizou cinco letras - a, e, i, o, u, algumas das quais aparecem, por vezes, marcadas com diacríticos. Estes serão discutidos previamente ao tratamento das vogais e consoantes.

3. 2. 1. Diacríticos

Rudolph não explicita o uso dos diacríticos, sinais que, por outro lado, ocorrem no texto de modo muito restrito e assistemático. Apesar disso, algumas observações podem ser feitas:

1. O diacrítico mais consistentemente utilizado é o " ~ " (til) que marca a nasalidade da vogal, conforme se pode concluir pelos exemplos dados por Rudolph na Introdução à obra (cf. p.VI):

tõ em Botocudo como ton em Francês

ã em Botocudo como "ang" na palavra alemã Mangel

No texto do Wörterbuch der Botokudensprache, o diacrítico ocorre somente com as letras a e o, via de regra seguidas por consoante nasal:

(21) a) hinkõn "cachorro"

b) tõn tõn "mau"

c) atãn "quebrar"

Registram-se ainda duas ocorrências isoladas, em outros contextos:

(22) a) haõp "rã"

b) kapan haõ "besouro"

Observe-se, porém, que há inúmeras ocorrências de vogais seguidas de consoante nasal, sem o diacrítico:

(23) a) nantschon "fantasma"

b) minjan "água"

c) jokon "velho"

2. O diacrítico " ˜ " aparece em apenas dois

itens lexicais, num total de oito ocorrências, e somente no vocabulário Botocudo-Alemão:

(24) a) kijakẽn pum, kijukẽn pum "esperma"

b) ãã̃ "galinha"

Indica, como o "til", a nasalidade da vogal, o que se infere, no caso de (24 a), pelo fato de a vogal marcada vir seguida de consoante nasal, e, no caso de (24 b), pela comparação com o equivalente em Krenak: [?ã'?ã?] "galinha".

O uso dos dois diacríticos para marcar a nasalidade decorre, provavelmente, de questões de ordem tipográfica.

3. O diacrítico " ' " ao que se pode supor, foi usado em certas circunstâncias para indicar o acento. Na Introdução ao Wörterbuch (p. VI), Rudolph menciona que o acento estava normalmente na última sílaba, salvo poucas exceções.

Observam-se no Wörterbuch ocorrências do diacrítico " ' " na penúltima sílaba da palavra, casos em que foi provavelmente usado para assinalar que se tratava de exceções à norma geral, sob o ponto de vista da percepção de Rudolph.

(25) a) aminkáki "flor"

b) harаráte "cansado"

c) bekáne "abelha"

Observa-se, por outro lado, que o diacrítico ocorre também marcando uma vogal precedida por outra. Em alguns casos, como nos exemplos em (26), o uso do diacrítico assinala que as vogais em seqüência pertencem a diferentes sílabas:

(26) a) moí "farinha"

b) maín maín "araçari"

Em certos casos, porém, conforme revela a comparação com dados do próprio Rudolph e de outros autores, o uso do diacrítico assinala a natureza assilábica da vogal não marcada.

(27) a) japokoé "falso; japokwin "mentira"

b) koém "morrer" (cf. Kr.: ['kwẽm] "morrer"

c) hingoé "nós"; hingwe "nós"

Não se descarta também a possibilidade de o diacrítico " ´ " ter sido usado para indicar o grau de abertura de vogais médias e, o, como parece ser o caso nos seguintes exemplos:

(28) a) jipó "polegar" (cf, Kr. ˈpɔʔ "mão")

b) kuté "cabaça" (cf. Port.: cuité)

c) rlhehé "bom" (cf. Kr.: rɛ́hɛʔ "bom")

d) ó ó "gavião"[5] (cf. Kr.: [ʔɔ̃ʔɔ̃ʔ] "gavião")

4. O diacrítico " ¨ " (trema) ocorre oito vezes no Wörterbuch, marcando a letra **a** em três itens lexicais.

(29) a) wäom "podre"

b) paräk "peito"

c) (hokonin)prä "por que"

É possível inferir que o símbolo foi usado por Rudolph para representar uma vogal não anterior, alta, não arredondada, conforme será discutido no item 3.2.2.

5. No Wörterbuch aparece ainda o diacrítico " - " o qual ocorre em três itens apenas:

(30) a) ā "gole, trago"

b) hau ēn "permanecer"

c) knōk "é"

Contudo, não foi possível identificar os equivalentes desses itens em outros materiais.

Concluindo, devido à falta de informações explícitas e à ocorrência extremamente restrita dos

diacríticos no Wörterbuch der Botokudensprache, à exceção do til e do trema, eles pouco podem contribuir para a identificação dos sons vocálicos do Naknanuk.

3. 2. 2. VOGAIS

3. 2. 2. 1. VOGAIS ORAIS

[i] vogal anterior alta não arredondada representada na maioria das situações por i e excepcionalmente por e.

O uso de i ocorre:

1. em posição incial de palavra:

(31) a) iho "bicho preguiça"

b) inan "quem"

2. após consoante:

(32) a) tip "cru,fresco"

b) ati "eu, me, a mim"

c) kupirik "macaco"

3. após vogal, em poucos itens:

(33) a) kuí "bom, cheiroso, apetitoso"

b) maín maín "araçari"

A representação por e ocorre como alternativa em

alguns itens, na posição após a oclusiva velar **k**:

(34) a) ketom, kitom "olho"

b) ketot, kitot "cozinhar"

[e] vogal anterior média-baixa não arredondada, representada por e.

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra:

(35) a) tepo "sol"

b) erehe "bom, bonito"

c) kre " aqui"

Era provavemente um som aberto, já que foi registrada como **è**, **é**, **ai** por Renault (1871).

(36) a) tèpò "sol"

b) ké "cabelo"

c) krai "aqui"

d) kouraik "porco"

Em Wied (1940) aparece grafada como **ä**:

(37) a) mpä häck "bocejar"

b) kä "cabelo"

c) nut-näh "cortar"

d) pmäck "pequeno"

e) curäck "porco"

[u] vogal alta posterior arredondada, representada por u e, excepcionalmente por o. No vocabulário de Renault, aparece por vezes grafada com ou em vários itens correspondentes:

(38) (Ru). a) kupirik "macaco"
b) uruhu "muitos"
c) jun "dente"

(39) (Re). a) coupirik "macaco"
b) ouroujou "muitos"
c) jounne "dente"

Conforme mostram os exemplos, ocorre em posição inicial, medial e final de palavra.

[o] vogal posterior média-baixa arredondada, representada por o. Ocorre em posicão inicial, medial e final de palavra:

(40) a) oti "você"
b) kitote "cozinhar"
c) tepo "sol"

Era provavelmente aberta, considerando-se que nos registros de Renault vem grafada com ò:

(41) a) kitòte "cozinhar"
b) tèpò "sol"

[a] vogal central baixa não arredondada, representada por **a**. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra:

(42) a) arana "nome de tribo"

b) kuparak "onça"

c) krak "faca"

d) nta "mais"

[ɨ] vogal central alta não arredondada, representada por **ä, äo, u, o, oa, oe, i, e, a, an**. O reconhecimento do valor fonético da vogal se infere a partir da comparação de distintas ocorrências dos mesmos itens em diferentes pontos do Wörterbuch e em diferentes fontes, inclusive as produzidas por autores com preparo lingüístico.

As grafias **ä, äo** ocorrem, respectivamente, em três e em um item do Wörterbuch:

(43) a) paräk "peito"

b) kräk " medo, vergonha"

c) (hakonin)prä "por que"

d) wäom "podre"

Nas demais ocorrências, aparecem os outros sinais mencionados:

(44) a) kamtschak; akomtschak; komtschik "sangue" (cf. Kr.: [k^{h}ɬmdžəkˀ])

b) angropo; angrupu; ankropan "sob" (cf. Kr.: [krɔˈpɬˀ])

c) natnat; netnet "rato" (cf. Kr.: [nətʲnətˀ])

d) jukopo; jukupa "sobre" (cf. Kr.: [jukuˈpɬˀ])

(45) a) wup; woap "beijar" (cf. Kr.: [ʲwɬpˀ])

b) kota; kotoe "humano" (cf. [kuˈtəˀ])

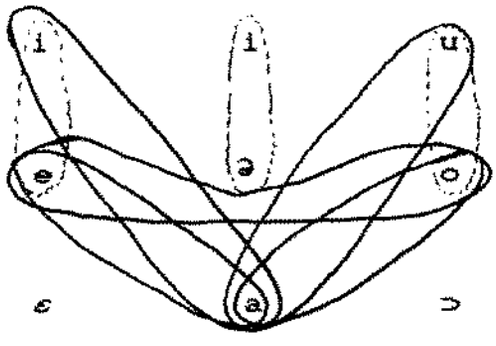
c) hokokoém; hokokan "coruja" (cf. [hɔkɔˈkɬn])

(46) a) kräk; kraëk "medo" (cf. Kr.: [ʲkrəkˀ])

O registro da vogal por meio dessas diversas grafias resulta bastante informativo, principalmente porque mais de uma é usada em diferentes ocorrências de um mesmo item.

A colocação pode ser melhor esclarecida a partir do seguinte esquema, no qual vêm assinaladas as grafias alternativas:

(47)



Verifica-se que na percepção do som pelo coletor predominou ora o traço de altura (i, e, u, o), ora o de posição horizontal (ä, a, an). Por outro lado, por meio de dígrafos, o autor tentou ou expressar os dois traços simultaneamente (oa, ae), ou indicar que se tratava de um som, mais alto que a, e entre o e e, isto é, central (oe).

Além disso, o uso do u, i, por um lado, e de o, e, por outro indica que a vogal variava de uma posição alta (ɨ) a uma posição média (ə), do mesmo modo que [u] e [i].

3. 2. 2. 2. VOGAIS NASAIS

Segmentos vocálicos nasais ocorrem predominantemente precedendo consoantes nasais, registrando-se apenas dois exemplos em que ã e õ ocorrem em outros contextos.

(48) a) ãã̃ "galinha"

b) ó ó; on on "gavião"

(49) a) ĩ: ampim "noite escura"

b) ɛ̃: Kren "cabeça"

c) ɨ̃: pram "querer"

d) ã̃: pang "mel"

e) ũ: Kujum "cipó"

f) ɔ̃: tschon "árvore, pau"

Os segmentos vocálicos nasais são inferidos a partir dos poucos exemplos em que vêm assinalados com til, no Wörterbuch, e a partir da comparação com outros vocabulários.

3. 2. 2. 3. Considerações sobre as vogais

A análise dos dados registrados por Rudolph permitiu deduzir, com bastante segurança, a presença de seis segmentos vocálicos orais e de dois segmentos vocálicos nasais (considerando-se os contextos em que não ocorrem seguidos de consoante nasal):

(50) i i u

e a,ã o,õ

Ao que se supõe, contudo, o inventário de sons vocálicos era muito mais amplo. Esta colocação encontra fundamento em observações feitas por vários coletores de listas vocabulares do Botocudo. Segundo Wied-Neuwied (1940:500), a língua dos Botocudo "abunda em vogais". Debret (1940:29) afirma que "sua linguagem contém muitas vogais". Já Saint-Hilaire (1938), ao se referir a dificuldade de transcrever a língua, menciona a existência de sons "mistos":

> "é ainda menos fácil reproduzir com letras a língua dos botocudos que as de outras nações indígenas, pois que esses selvagens tem mais numerosos sons mixtos. Assim, é muitas vezes difícil distinguir se pronunciaram um a ou um o, um e ou um i..." (cf. Saint-Hilaire; 1938:139)

O próprio Rudolph considera as vogais problemáticas, assinalando que "é difícil a compreensão do sentido da língua porque há mudanças das vogais e sons" (cf. Introdução: VI).

Câmara (1959:26) aponta a importância de se apurar a existência dessas vogais que "em fonética se costuma designar como "mistas" (vogais anteriores, ou palatais, arredondadas, isto é, emitidas com arredondamento dos lábios, à maneira de u francês, e vogais posteriores ou velares, não arredondadas, isto é, emitidas com distensão dos lábios, à maneira do y, / ɨ/ "gutural" tupi)".

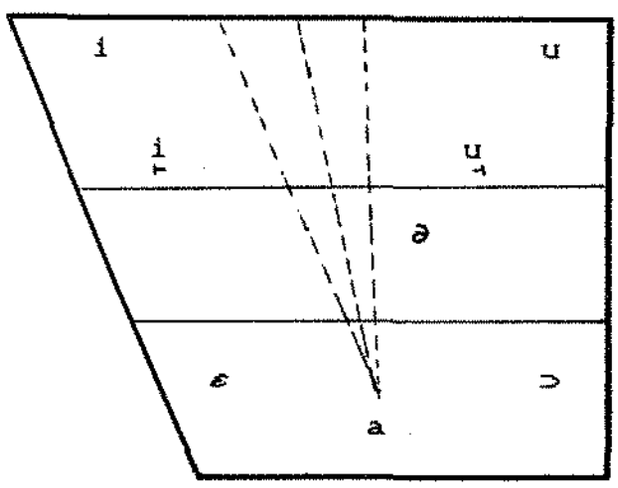
Corrobora a colocação feita acima sobre o inventário de sons vocálicos do Naknanuk, o quadro fonético de 9 vocóides, proposto por Emmerich & Monserrat (1975:29) para o Botocudo, com base no exame de 28 vocabulários.

(51)

i	ɨ	u
e	ë	o
é	a	ó ɔ

Também Silva (1986:43- Quadro 14) apresenta, em sua análise fonética do Krenak, um quadro de oito segmentos vocálicos orais:

(52)



Além destes arrolados por Silva (1986), Seki (1985b), encontrou também os seguintes fones vocálicos orais: [æ] vogal anterior baixa não arredondada, [ɵ] vogal central posterior não arredondada; [ɵ̈] vogal central anterior arredondada, [ʉ] central alta arredondada [7].

A hipótese de que o inventário de vogais do Naknanuk era mais amplo encontra apoio também em considerações de ordem tipológica, já que as línguas do

tronco Macro-Jê caracterizam-se por apresentarem sistemas de 9 vogais. Contudo, tanto Emmerich & Monserrat (1975:39)como Silva (1986:73) chegaram a um sistema de apenas seis fonemas orais.

No que concerne aos segmentos vocálicos nasais registrados por Rudolph, como já se mencionou (ver p.64), apenas dois, **ã** e **õ**, ocorrem em contextos onde não vêm seguidos por consoante nasal. Considerando a ocorrência na posição precedendo consoante nasal, contudo, tem-se um quadro de seis segmentos vocálicos nasais.

Esta situação se aproxima bastante daquela existente no Krenak/Nakrehé, em que são raras as ocorrências de vogais em contextos não nasais.

3. 2. 3. CONSOANTES

3. 2. 3 .1 OCLUSIVAS

[p] consoante oclusiva bilabial surda, representada por **p** em todas as ocorrências. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra.

(53) a) po "mão
b) kuparak "onça"
c) pip "ver"

[t] consoante oclusiva alveolar surda, representada em todas as ocorrências por t. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra:

(54) a) tip "cru"
b) kitom "olho"
c) kat "pele"

[k] consoante oclusiva velar surda, representada em todas as ocorrências por k. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra:

(55) a) kupirik "macaco"
b) prukukuk "vermelho"
c) krak "faca"

[?] consoante oclusiva glotal, representada por espaçamento e esporadicamente por h e k. Ocorre em poucos itens, sobretudo entre vogais idênticas:

(56) a) ó ó "gavião"
b) u u "quente, suar, calor"
c) krai, krahi " "povo não Botocudo"

O espaçamento nesses casos é mantido sistematicamente, mesmo quando o item ocorre no contexto frasal.

(57) tinti kuran u u "eu vou logo embora"

A representação por **k** ocorre em poucos itens, em posição final de palavra:

(58) kijok; kijo "vagina"

O espaçamento entre vogais aparece também no material de Nimuendaju (1939) referente ao Naknanuk, como por exemplo em:

(59) o ō "gavião".

Em Wied-Neuwied (1940), a oclusiva glotal vem assinalada com hifen, em palavras como:

(60) a) pó-it "colar"

b) niore-ät "estrela"

c) he-e "sim"

No Krenak/Nakrehé a oclusiva glotal ocorre após vogais tônicas em posição final de palavra, e também em posição inicial:

(61) a) [tɔmrɛ'ʔɛt͡ˀ] "estrela"

b) [ʔɔ̃'ʔɔ̃ʔ] "gavião"

c) ['ʔaụgɳ ~ 'ɔgɳ] "falar"

d) [ki'joʔ] "vagina"

Marlière (s/d), que representa a oclusiva glotal com **h**, assinalou-a também nessas posições:

(62) a) haun "falar"

b) honhon "gavião"

c) kijoh "vagina"

Assim, embora Rudolph não tenha registrado sistematicamente a oclusiva glotal nesses contextos, com base nos indícios acima a consoante é incluída no inventário de sons do Naknanuk, e considera-se que tem a mesma distribuição do segmento correspondente do Krenak/Nakrehé.

3. 2. 3. 1. 1. Considerações sobre as Oclusivas

A análise do Wörterbuch revelou que Rudolph teve dificuldades na percepção das oclusivas surdas, principalmente **p** e **k**, confundidas por vezes, notadamente em posição precedendo consoante nasal (cf. adiante) e em posição final de sílaba, precedendo pausa.

(63) a) nuk; nup "negação"

b) nik; nip "carne"

c) majipret; majipraep "depressa"

Estas alternâncias permitem inferir que as oclusivas em posição final de sílaba eram não explodidas. A inferência é confirmada pela observação de Monteiro do Amaral (1948:26), em seu vocabulário do Nak-nhapma , de que as oclusivas surdas em posição final de sílaba eram facilmente confundidas. Por outro lado, oclusivas não explodidas ocorrem também no Krenak, na mencionada posição (cf. Seki, 1985b; Silva, 1986:34).

Assim, na retranscrição dos dados, os segmentos oclusivos não explodidos serão marcados com diacrítico ¬.

3. 2. 3. 2. AFRICADAS

[tš̆] africada alveo-palatal surda, representada por **tsch** em todas as ocorrências. Não foi registrada em posição final de sílaba:

(64) a) tschon "árvore, pau"

b) potschik "um, pouco"

Na lista de Renault (1903) o som aparece grafado como **tch**.

(65) a) tchone "árvore, pau"

b) potchique "pouco"

[dž] africada alveo-palatal vozeada, representada por **tj** e, em apenas um item, por **dsch**. Não foi registrada em posição final de sílaba:

(66) a) **kudschi** "pequeno"

b) **hinkuntjun** "tatu"

c) **kantjan** "alegre"

d) **pontjak** "coco"

e) **amtjore** "atrás"

f) **komtjik** "sangue"

No Wörterbuch há variantes no registro de alguns itens, nos quais a africada é representada como surda:

(67) a) **hinkuntschun** "tatu"

b) **hinkantschan** "alegre"

c) **amtschore** "atrás"

d) **kamtschak** "sangue"

Essa alternância no registro permite supor a) que **tj** era apenas uma outra representação para a africada surda, ou b) que **tj** representava uma africada vozeada, em variação livre com a surda, ou equivocadamente registrada como tal em alguns casos.

A favor da primeira hipótese tem-se a equivalência estabelecida por Wied-Neuwied (1940:302) quando, ao grafar **kiagantjép** "coçar" esclarece que **tj** é como **tche**.

Entretanto, entre as indicações que apresenta na Introdução ao Wörterbuch, Rudolph inclui **dsch**, como representando um som equivalente ao de Deschengis Kan. Como se sabe, **dsch** é a grafia usada em Alemão para representar a africada alveo-palatal vozeada em palavras estrangeiras, visto que o som não ocorre em Alemão. Disto se infere que a africada alveo-palatal vozeada fazia parte do inventário de sons do Naknanuk. Por razões provavelmente de ordem tipográfica, a grafia indicada por Rudolph aparece em apenas um item, **kudschi** "pequeno", tendo sido substituída nos demais casos por **tj**.

Acresce que a africada vozeada foi registrada também em outros materiais sobre o Botocudo. Na lista de Wied-Neuwied (1940) aparece grafada com **dch, ti + V, dg**:

(68) a) makn-**dch**opok "coxa"
b) pon**ti**äk "coco"
c) cu**dg**i " pequeno"

Na lista de Renault (1903) é representada por **dj**

(69) a) in**dj**oré "atrás"
b) mignan-**dj**ème "aquário" ("casa de água")

Também em Krenak/Nakrehé a africada vozeada ocorre, precedida por segmento nasal vozeado, como será exemplificado na próxima página.

(70) a) [nd$\underset{\circ}{\overset{\vee}{z}}kuk'\underset{\circ}{n}$ãŋ] "mulher"

b) [k$\overset{\vee}{\text{ɨ}}$m'd$\underset{\circ}{\overset{\vee}{z}}$$^{\vee}k^{\neg}$] " sangue"

c) [?$\overset{\vee}{\text{ã}}$md$\underset{\circ}{\overset{\vee}{z}}$$\overset{\vee}{\text{ɔ}}$$\overset{!\vee}{\text{r}}$e?] "atrás"

Observe-se que na grafia do som por coletores alemães, mas não na do francês Renault, predominam combinações de sinais gráficos usados comumente para representar sons vozeados/sonoros e surdos.

Poder-se-ia supor que na percepção do som tenha havido interferência da língua materna dos autores, o Alemão, língua em que predominam sons surdos. Entretanto, a comparação com os dados do Krenak/Nakrehé leva a concluir que o som em discussão ocorria também como parcialmente vozeado [$\underset{\circ}{\text{dz}}$]. De fato, em Krenak/Nakrehé a africada correspondente, e também as oclusivas $\underset{\circ}{\text{b}}$, $\underset{\circ}{\text{d}}$, $\underset{\circ}{\text{g}}$ ocorrem como segmentos parcialmente vozeados, quando precedidas de segmento nasal vozeado.

A conclusão a que se chega, portanto, é que a referida alternância entre as grafias **tsch** e **tj** no registro de alguns itens por Rudolph, resultam de equívocos.

3. 2. 3. 3. FRICATIVAS

[$\overset{\vee}{\text{z}}$] fricativa alveo-palatal vozeada representada consistentemente por **sch**. Ocorre em início de sílaba, em

posição medial de palavra, após **i**, **u**, exceto pouquíssimos casos em que aparece em início de sílaba inicial, precedendo **a**, **o** e **u**:

(71) a) kischem "casa"
b) waischik "flecha"
c) kischin "nariz"

Na Introdução à obra Rudolph indica a equivalência de **sch** em Botocudo com **sch**, em **Schiff**, no Alemão, o que constitui uma evidência de que se tratava de uma fricativa surda.

Entretanto, nos itens correspondentes da lista de Renault o som vem sistematicamente grafado com **j** (ou **g**), com a indicação expressa de que era pronunciada como no Português:

(72) a) kijème "casa"
b) ouajik "flecha"
c) kijin "nariz"

A conclusão a que se chega é a de que houve interferência do Alemão na percepção e registro da fricativa vozeada por Rudolph (cf. adiante).

[x] fricativa velar surda, representada por **h** e

esporadicamente por ch e r, sendo que as duas últimas grafias aparecem em registros alternativos de um mesmo item:

(73) a) kahe; kache "jacaré"

b) uruhu; uruchu "muitos"

c) ahum; arum " tosse"

d) han; ran "rir"

A inferência de que se trata de uma fricativa velar surda tem por base a indicação dada por Rudolph, ao mencionar na Introdução ao Wörterbuch que o ch na língua Botocudo era como ch Alemão em "auch" (p.VI). A grafia inicialmente proposta para o som manteve-se em apenas poucos itens, tendo sido substituída por h nos demais.

A esporádica ocorrência de r para representar a fricativa velar deve-se, provavelmente, a erros de impressão.

A interpretação aqui proposta é corroborada pela maneira como os itens lexicais correspondentes foram registrados em outras fontes e por informações aduzidas por alguns autores, como a de Renault, transcrita a seguir:

> "Sendo muito aspirada a linguagem dos Botocudos, e não havendo na língua Brasileira letras que correspondessem bem ao

> som exigido, foi preciso recorrer às letras de outros idiomas, assim foi applicado o jota hespanhol todas as vezes que se quiz dar hum som aspirado, como v. gr. uruju e vai adiante escripto (asp.) dando assim a entender que o jota deve ter uma pronúncia espanhola; quando não existem as lestras asp. é porque deve ser pronunciado o j como se usa na língua Brasileira. O h, também quando for aspirado levará as letras (asp.) e deverá ser pronunciado como o Ha alemão, isto é com toda a força possível e não levando as letras (asp.) entrará na regra ordinária da língua Brasileira." (Renault; 1903:1095).

Embora as observações acima tenham sido incluídas na versão portuguesa do vocabulário de Renault, a mesma grafia dos sons do Botocudo aparece também na versão francesa (Renault; 1851), conforme ilustrado a seguir:

(74) a) ouroujou "muitos" (prononciat. espagnole)
b) herehe "bonito" (prononciat. allemande)

3. 2. 3. 4. FLAP

[ɾ̆] flap alveolar vozeado, representado pr r, l, rl no Wörterbuch, como em:

(75) a) kre; rle "aqui"

b) klampat; krampat "besouro"

c) krlak "faca"

O uso alternante e/ou conjunto r e l permitem inferir que se tratava de um som de qualidade intermediária entre uma vibrante simples central e uma lateral, ou seja, de um flap (Ladefoged; 1975:135).

A inferência é confirmada pela seguinte descrição de Wied-Neuwied: " o r só se pronuncia com a ponta da língua, e nunca com a garganta; casos há em que essa letra tem o som de l (cf. Wied-Neuwied;1940: 477).

[y] semivogal alta não arredondada, representada por j. Ocorre em início de sílaba, em posição inicial e medial de palavra

(76) a) kijin "nariz"

b) jitak "corda de arco"

c) jopu "mãe"

d) kujun "corda"

e) jakekek "borboleta"

A inferência é feita a partir da indicação expressa por Rudolph, de que **j** em Botocudo era como o da palavra **Jahr** (p.VI).

[w] semivogal alta, arredondada, representada por **w, v, u, o,** em posição inicial e medial de palavra.

(77) a) waha; vaha; oaha "homem"
b) jowa; jova "para baixo"
c) waischik "flecha"
d) uwatu "rio"
e) koem "morrer"

Com base no valor do **w** e **v** no Alemão, seria possível supor que o som representado por Rudolph era uma fricativa labio-dental. Contudo, o uso de **u** e **o** como formas alternativas de grafar o som leva a concluir que se tratava de um segmento vocálico assilábico, alto, arredondado. A grafia utilizada em outros materiais para registrar o som nos itens correspondentes confirma a interpretação aqui feita. Na lista de Renault (1903) o som aparece grafado com **ou** (francês), e na de Wied (1940) com **u**:

(78) Re.: a) ouajik "flecha"
b) ouatou "rio"
c) quouâime "morrer"

(79) Wi.: a) uahá "homem"

b) kuém "morrer"

Contudo, a alternância observada na grafia do som por Rudolph permite inferir que se tratava de um som produzido com um grau variável de fricção.

3. 2. 3. 5. NASAIS

3. 2. 3. 5. 1. NASAIS VOZEADAS

[m] consoante nasal bilabial vozeada, representada po **m** em todas as ocorrências. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra.

(80) a) **mum** "ir"

b) ko**m**e "dormir"

[n] consoante nasal alveolar, vozeada, representada por **n** em todas as ocorrências. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra, como será exemplificado a seguir.

(81) a) **n**uk "negação"

b) ara**n**a "nome de tribo"

c) kura**n** "querer"

[ñ] consoante nasal palatal vozeada, representada po **nj**, **nh** e também por **ni** seguido de vogal. Nos dados de Rudolph ocorre em posição inicial e medial de palavra.

(82) a) **njep** "estar sentado"
b) **minjan; minian** "água"
c) **omnian** "areia"

A nasal palatal vozeada vem representada por **gn**, no vocabulário de Renault (1903):

(83) a) **gneppe** "sentar"
b) **mignan** "água"

[ŋ] consoante nasal velar vozeada, representada por **ng**, **n**. Ocorre em posição final de sílaba:

(84) a) **pitang** "mosquito"
b) **pang** "mel"
c) **kijotang** "defecar"

No material de Renault (1903), a nasal velar é representada mais consistentemente por **ng**:

(85) a) pangue "mel"

b) angnan "tabaco"

c) entangue "torto"

3. 2. 3. 5. 2. NASAIS SURDAS

[m̥] nasal bilabial surda, representada no Wörterbuch po **m, pm, km, p** como em:

(86) a) **mak; pmak; kmak** "perna"

b) **minjan** "água"

c) **mek mek** "curto"

d) **pma** "lábio"

e) **um; up** "dar"

[n̥] nasal alveolar surda, representada por **n, tn, kn**:

(87) a) **nan** "ele"

b) **nem; tnen; knem** "arco"

[ñ̥] nasal palatal surda, representada como a nasal palatal vozeada ou por **kni + V, Knj, n**:

(88) a) **knien** "magro" (cf. Wi.: **kniän** "magro")

b) **kniek** "Martim pescador"

c) **knjohon** "orelha"

c) **niak** "ferida"

[ŋ] nasal velar surda, representada por **kn**, **k**

(89) a) **knumme** "dormir"

b) **knirá; kira** "ali"

c) **poreknati** "unha"

d) **njoknar** "caçar" (cf. Wi.: **nio-kná** "caçar" (kn pelo nariz)

3. 2. 3. 5. 3. Considerações sobre as nasais

As nasais surdas seguramente estavam presentes no Botocudo e causaram muitas dificuldades aos coletores. Ao estabelecer o confronto entre os itens do Krenak que incluem tais segmentos e os correspondentes em outros vocabulários, verifica-se uma enorme variação no registro. Muitos autores, contudo, registraram-nas como nasais vozeadas simples, ou como precedidas de segmentos surdos.

(90) Wi.: a) maak "perna"

b) neem "arco"

c) kniän "magro"

d) pó-cräng-kenat "unha" ("ken pelo nariz", descreve Wied)

(91) Re.: a) pmeran "duro"

b) naime "arco"

c) tno "pedaço"

(92) Ni.: a) a) mãk "perna"

b) nẽm "arco"

c) krẽhnãt "unha"

Somente foi possível chegar à interpretação das nasais surdas através da comparação com outros materiais. Na descrição do Krenak elaborada por Seki (1985b) há uma série de nasais surdas, que são freqüentemente percebidas como sendo precedidas de um elemento oclusivo consonantal surdo, usualmente homorgânico. Também Manizer percebeu a nasal bilabial surda, descrevendo-a como produzindo a impressão auditiva de **xm** (Schprintsin, 1961:103, apud Seki; 1990:120). Do mesmo modo Silva (1986:38 - Quadro 11) arrola nasais surdas no inventário de sons do Krenak.

Contudo, devido ao uso de mesmos sinais para registrar diferentes nasais surdas, a ocorrência de um ou de outro segmento só pôde ser estabelecida através da comparação com as formas correspondentes no Krenak/Nakrehé.

O mesmo se coloca em relação à distinção das nasais vozeadas, principalmente em fim de palavra, devido à grande imprecisão no registro das mesmas. Em particular, nos dados de Rudolph a nasal vozeada palatal aparece apenas em posição inicial e medial, porém deveria ocorrer também em posição final de palavra, a julgar pela situação no Krenak/Nakrehé e pela proximidade desta com a do Naknanuk.

Nas listas de autores franceses as nasais vozeadas em posição final de sílaba precedendo pausa são mais fielmente registradas, e são usadas como parâmetros para se inferir sobre a qualidade dos sons nos itens correspondentes do Wörterbuch.

Reconhecidas as nasais surdas, é possível inferir que as mesmas se manifestavam ora como segmentos nasais simples, ora como grupos de oclusivas surdas e nasais. É possível supor que nesses grupos as oclusivas eram homorgânicas à nasal, tal como ocorre no Krenak/Nakrehé p_{o}^{m}, t_{o}^{n}, k_{o}^{n}, k_{g}^{η}. As ocorrências de oclusivas não homorgânicas explicam-se pela dificuldade, já mencionada, de percepção desses segmentos.

3. 2. 3. 6. OCLUSIVAS E AFRICADAS PRECEDIDAS DE NASAL VOZEADA HOMORGÂNICA

[mp] oclusiva bilabial surda precedida de nasal vozeada bilabial, representada por **mp**.

(93) a) himpok "peixe"

b) emporum; porum "índio"

c) empehek; pehek "bocejar"

[nt] oclusiva dental surda precedida de nasal vozeada dental, representada por nt:

(94) a) nta "mais, repetir"

b) ntut, (i)ntut "lagarta"

c) (hi)ntek "dançar"

[ŋk] oclusiva velar surda precedida de nasal vozeada velar, representada por nk no Wörterbuch:

(95) a) ankujin "cuspir"

b) hinkora "preto"

c) ankorit "aranha"

[mb] oclusiva bilabial vozeada,precedida de nasal bilabial vozeada, representada por mb, b:

(96) a) ambruk "queimar"

b) bakan "pássaro"

c) himbrakak; brakak "cesta"

[ŋg] oclusiva velar vozeada, precedida de nasal velar vozeada, representada por ng, g:

(97) a) ngran; gran "cobra"

b) ngrehe "estou bom"

[nt͡ʃ] africada alveo-palatal surda, precedida de nasal vozeada alveolar vozeada, representada por ntsch, no material de Rudolph.

(98) a) (i)ntschak "outro"

b) (i)ntscham "esconder"

c) (i)ntschum "brincar"

d) jantschu "cunhado"

[nd͡ʒ] africada alveo-palatal vozeada, precedida de nasal alveolar vozeada, representada por ntj, nj:

(99) a) hinkuntjun "tatu"

b) kantjan "alegre"

c) injuknan "mulher"

d) njun ju "gambá"

A inferência, principalmente no caso de nj, decorre da comparação com as listas de Wied, que grafa o som com tj, dj, tch, porém indicando a pronúncia, no último caso.

(100) a) ntjúntju "gambá"

b) pokn djinvin "cuia, prato"

c) jantchong "diabo" (ch como g, descreve Wied)

3. 2. 3. 6. 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OCLUSIVAS E AFRICADAS PRECEDIDAS DE NASAL

Conforme foi mencionado em 3.1., no registro de palavras iniciadas por nasais seguidas de outra consoante, observa-se a presença de segmento vocálico, geralmente e ou i, que por sua vez pode vir precedido de h. Por outro lado, por vezes a consoante nasal não aparece em registros alternativos do mesmo item.

É natural que os coletores tenham encontrado dificuldades na percepção desses grupos consonantais incomuns em línguas indoeuropéias, e que tenham sofrido interferência dos padrões de combinação permitidos nessas línguas.

Corrobora esta hipótese colocações feitas por alguns coletores a respeito de grupos consonantais envolvendo nasais.

Wied-Neuwied observou que "quando no começo duma palavra uma consoante vem precedida por outra, como nn, mn, mb, np, nd, etc., a primeira quase não se pronuncia" (cf. Wied-Neuwied; 1940:500).

Debret referindo-se às consoantes nasais, observa que, quando o falante "pronuncia "mbaia", "mboreli" a primeira letra não se articula quase, e é conseguida por meio de um ligeiro sopro pela narina." (cf. Debret: 1940:30).

Saint-Hilaire comenta que as consoantes participam igualmentedo **b** e do **m** (cf. Saint-Hilaire; 1938:133).

Essas colocações constituem evidência de que o segmento nasal era pouco perceptível. O mesmo se infere a partir das observações que Wied acrescenta aos itens de sua lista:

(101) a) bocejar: mpähäck (**m** apenas audível)

b) cão: engcóng (**eng** muito breve e apenas audível)

c) cobra: engcarang" (**eng** como **n**, muito breve)

d) trilha, caminho: emporong (**em** muito breve e pouco audível e bem assim o **o** médio)

Em materiais produzidos por lingüistas profissionais ou por autores com algum preparo lingüístico, como Manizer (in Sebastyén; 1981), Nimuendaju (1939), Bridgeman (1958), Seki (1985b), Silva (1986) e outros o segmento vocálico não aparece registrado.

A conclusão a que se chega é que os grupos consonatais iniciados por nasal não eram precedidos por vogal, e que constituíam mais propriamente oclusivas

pré-nasalizadas.

Por outro lado, conforme também já se mencionou, cumpre distinguir tais situações de outras nas quais os segmentos que precedem o grupo consonantal inicial representava provavelmente um morfema gramatical, como parece ser o caso de **i** e **hi** nos seguintes exemplos de Rudolph:

(102) a) inknan "piolho dele"

b) hinjen "ele é magro"

A seguir será apresentado o Inventário de sons do Naknanuk.

3. 2. 4. Inventário de sons do Naknanuk

Quadro 2 - Classificação das consoantes

Ponto / Modo		Bilabial	alveolar	alveo-palatal	palatal	velar	glotal
Oclusivas		p p$^{\neg}$	t t$^{\neg}$			k k$^{\neg}$	?
Nasais	su	m	n		$\tilde{n}$	η	
	vo	m	n		$\tilde{n}$	η	
Flap			$\breve{r}$				
Fricat.	su					x	
	vo			$\breve{z}$			
Afric.	su			t$\breve{s}$			
	vo			d$\breve{z}$			
Semivogais			w		y		

Além dos elementos acima, o inventário do Naknanuk inclui as seguintes combinações de segmentos consonantais homorgânicos na sílaba:

mp	nt	nt$\breve{s}$	ηk
mb		nd$\breve{z}$	ηg
p$\underset{o}{m}$	t$\underset{o}{n}$	k$\underset{o}{\tilde{n}}$	k$\underset{o}{\eta}$

VOGAIS

i, ĩ	ɨ, ɨ̃	u, ũ
ɛ, ɛ̃	a, ã	ɔ, ɔ̃

3. 2. 5. EXEMPLOS DE OCORRÊNCIAS DE SEGMENTOS CONSONANTAIS EM ITENS RETRANSCRITOS

	Pos. inicial de síl. tôn. e átona	Pos. final de síl.
OCLUSIVAS		
[p]	[tɛ'pɔʔ] "sol"	['tip͡] "cru"
	[pa'ntəˀ] "todos	['kɨp͡] "mosca"
[t]	[a'tuk͡] "você fura"	['kɾ̆ɔt͡] "mamão"
	[tɛ'tũm] "coração"	['kat͡] "pele"
[k]	['kat͡] "pele"	[kupi'ɾ̆ik͡] "macaco"
	[ku'tɨʔ] "ser humano"	[mɛk?'mɛk͡] "curto"
[ʔ]	['ʔɔ̃ŋ] "falar"	[tɛ'pɔʔ] "sol"
	[ʔã'ʔãʔ] "galinha"	[ki'yɔʔ] "vagina"

	Pos. inicial de síl. tôn. e átona	Pos. final de síl.
AFRICADAS		
[tš]	[ki' tš⊃k¯] "língua"	---
	[' tšik¯] "descer"	
	[tša' ku?] "cinza"	
	[a' tšuk¯] "açúcar"	
[dž]	[kɨ̃m' dž̥ək¯] "sangue"	---
	[am dž̥⊃' řɛ?] "atrás"	
[x]	[' xəŋ] "rir"	---
	[wa' xa?] "homem"	
	[xata' řãn] "arara"	
[ž]	[ki' žɛk¯] ~ [ki' yɛk¯] "osso"	---
SEMIVOGAIS		
[w]	[' wɨp¯] "beijar"	---
	[yo' wa?] "para baixo"	
	[wa' xa?] "homem"	

	Pos. inicial de síl. tôn. e átona	Pos. final de síl.
[y]	[yɔˈpɔk͡] "raiz"	---
	[yaˈyi?] "saber"	

FLAP

[ɾ̆]	[ˈɾ̆a?] "maduro"	---
	[ɾ̆əˈɾ̆ə?] "tremer"	
	[aɾ̆aˈna?] "nome de tribo"	

NASAIS VOZEADAS

[m]	[ˈmət͡] "cheio"	[ˈmũm] "ir"
	[maˈwɔ̃n] "cafuzo"	[ˈyãm] "semente"
[n]	[ˈnɛk͡] "doce"	[xiˈnũn] "braço"
	[nuˈtuk͡] "perfurar completamente"	
[ñ]	[ˈñɔ̆m] "verde, não maduro"	[ˈmɛ̃ñ] "pegar"
	[ñãˈwit͡] "muito"	
[ŋ]	[ˈŋɾ̆ũ?] "doer"	[ˈtaŋ] "saco"
[m̥]	[ˈm̥ak͡] "perna"	[ˈũm̥] "dar"
	[mɔ̃ˈñak͡] "lua"	

	Pos. inicial de sil. tôn. e átona	Pos. final de sil.
[n̥]	[ˈn̥ɔʔ] "pedaço"	---
	[n̥aˈhãŋ] "pular"	
[ñ̥]	[ˈñ̥ɛ̃n] "magro"	---
[ŋ̊]	[ŋ̊uˈmɛʔ] "dormir"	[kuaŋ̊] "vivo"
[mp]	[ˈmpɔk͡] "peixe"	---
	[mpɛˈxek͡] "bocejar"	
[nt]	[ˈntãŋ] "curvo, torto"	---
	[ntaˈɾ̌uʔ] "terra natal, pátria"	
[ntš̌]	[ˈntš̌uŋ] "brincar"	---
	[yˌãˈntš̌uʔ] "cunhado dele"	
[ŋk]	[ˈŋkɔ̃ŋ] "cachorro"	---
	[ãŋkuˈɾ̌it͡] "aranha"	
[mb]	[ãˈmbɾ̌uk͡] "queimar"	---
	[mbɾ̌ukuˈkuk͡] "vermelho"	
[ŋg]	[ˈŋgɾ̌ãŋ] "cobra"	---
	[ãˈŋgɾ̌ɔp͡] "através"	

	Pos. inicial de síl. tôn. e átona	Pos. final de síl.
[ndž]	[ŋku'ndžuñ] "tatu"	---
	[ndžu'ndžu?] "gambá"	

3. 2. 6. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA

3. 2. 6. 1. VARIAÇÃO LIVRE

1. [y] ~ [ž]

(103) a) [wai'yik¬] ~ [wai'žik¬] "flecha"

b) [ki'yɛk¬] ~ [ki'žɛk¬] "osso"

c) [yaki'yɪ̃m] ~ [yaki'žɪ̃m] "bravo"

d) [ki'yak¬] ~ [ki'žak¬] "irmão"

e) [ki'yuk¬] ~ [ki'zuk¬] "pênis"

f) [ki'yɔ?] ~ [ki'žɔ?] "vagina"

g) [ku'yũm] ~ [ku'žũm] "corda"

(104) a) [yaki'yɪ̃m] ~ [žaki'yɪ̃m] "braço"

b) [yɔ'pɔk¬] ~ [žɔ'pɔk¬] "raiz"

Os dados acima mostram que [y] varia livremente com [ž] em início de sílaba tônica, após [i] e [u], e em início de palavra, em sílaba átona, precedendo [a] e [o].

2. [mp] ~ [mb]

(105) a) [mpruku'kuk^{1}] ~ [mbruku'kuk^{1}]
"vermelho"

b) [mpa'kĩn] ~ [mba'kĩn] "pássaro"

c) [a'mbɾ̆uk^{-}] "queimar"

Os dados acima mostram que [mp] varia livremente com [mb] em posição inicial de sílaba.

3. [ŋk] ~ [ŋg]

(106) a) [ãŋko'ɾ̆it^{-}] ~ [ango'ɾ̆it^{-}] "aranha"

b) [ŋkɔ'ɾ̆a?] ~ [ŋgɔ'ɾ̆a?] "preto"

c) [ã'ŋkɾ̆ɔp^{-}] ~ [ã'ŋgɾ̆ɔp^{-}] "através"

Os dados acima mostram que [ŋk] varia livremente com [ŋg] em início de sílaba.

A presenca das oclusivas vozeadas, notadamente a bilabial são pouco freqüentes no Wörterbuch.

(107) a) [ˈm̥a?] ~ [ˈpm̥a?] "buraco"

b) [ˈn̥ɛ?] ~ [ˈtn̥ɛ?] "cortar"

c) [ˈñ̥ɛ?] ~ [ˈkñ̥ɛ?] "martim-pescador"

d) [ŋ̊uˈmɛ?] ~ [kŋ̊uˈmɛ?] "dormir"

Os dados acima mostram que em posição inicial de

palavra as nasais surdas simples variam livremente com as nasais surdas precedidas de oclusivas surdas homorgânicas.

3. 2. 6. 2. DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

1. Conforme se mencionou em 3.2.3.1., as oclusivas explodidas ocorrem em **início** de sílaba (ver ex.105) e as não explodidas, em **final** de sílaba (ver ex. 106).

(108) a) **po** "mão" [ˈpɔʔ]
b) **pip** "ver" [ˈpip̚]

(109) a) **pitak** "lagoa" [piˈtak̚]
b) **kat** "pele" [ˈkat̚]

(110) a) **kuparak** "onça" [kupaˈɾak̚]
b) **nik** "carne" [ˈnik̚]

2. (111) a) [ˈapmak̚] "tua perna"
b) [ˈatne?̚] "você corta"
c) [ˈaknap̚] "você mastiga"
d) [akŋˈumɛ?] "você dorme"

Os exemplos acima mostram que as nasais surdas

preclusas ocorrem na posição após vogal. Conforme se mencionou em (107) as nasais surdas simples ocorrem em início de sílaba após pausa, alternando livremente com as preclusas.

3. Os exemplos listados a seguir mostram que [y] se realiza como africada vozeada quando ocorre em posição inicial de morfema seguindo morfema iniciado por vogal:

(112) a) [yoˈřɛʔ] "depois"

b) [ˈãm] "algo (indifinido)"

c) [am-dǯ̥oˈřɛ] "atrás"

(113) a) [ˈkrɛ̃n] "cabeça"

b) [yɔˈwɛ̃m] "armação"

c) [krɛn-dǯ̥ɔˈwɛ̃m] "chifre"

Estes exemplos mostram também que a africada vozeada pode ocorrer precedida de nasal não homorgânica e que pelo menos em certos casos ndž se distribui em diferentes sílabas.

NOTAS

1. Alguns ajustes foram feitos na diagramação vertical do Capítulo 3, especialmente, no que se refere às seqüências dos exemplos ou quadros, a fim de que a informação não ficasse cortada.

2. o ponto e vírgula (;) separa itens escritos de diferentes maneiras no Wörterbuch der Botokudensprache.

3. Comunicação verbal feita por Seki durante as orientações.

4. Os dados do Krenak/Nakrehé que constam deste trabalho fazem parte da documentação da língua elaborada por Seki e foram transcritos foneticamente; os exemplos de outros autores aparecerão, respectivamente, cada qual com a abreviatura indicada no início deste trabalho.

5. Também registrado por Rudolph como on on.

6. Segundo Emmerich & Monserrat (1975:29, nota 4), é, ó são vogais médias abertas.

7. São exemplos do Krenak documentado por Seki (1985b):

   [ ] [xo'kuẽn] "porco"

[ë] [ˈzët͡] "folha"

[ö] [n̥ãˈngr̆ön] "eles"

[ɐ] [ˈkɐn] "pai"

CONCLUSÃO

Apresentou-se neste trabalho uma análise de cunho filológico do Wörterbuch der Botokudensprache, de Bruno Rudolph, coletado entre os Naknanuk, que habitavam as matas ao longo dos rios Mucuri, Todos os Santos, São Matheus e Preto, em Minas Gerais. Não se trata de uma análise exaustiva do material, mas reflete um primeiro esforço de organização na qual se procurou, através do estudo sistemático do próprio material de Rudolph, com recurso a outras fontes lingüísticas do Botocudo, determinar o valor fonético dos sinais gráficos por ele utilizados e chegar ao inventário de sons do Naknanuk.

Resguardado o caráter hipotético que necessariamente está presente a este tipo de trabalho, em princípio foi possível, através de procedimentos adotados, determinar de forma bastante segura a natureza da maioria dos sons do Naknanuk. Contudo, os resultados não são tão satisfatórios no que se refere às vogais, visto que o material permite identificar apenas seis segmentos de um total que se supõe era muito mais amplo.

A análise revelou que, dentro de suas possibilidades, Rudolph utilizou uma grafia bastante coerente ao registrar os dados do Naknanuk e que seus dados são bastante homogêneos.

De fato, as variações que apresenta no registro

de um mesmo item são explicáveis, entre outras, pela tentativa de representar os sons que ouviu da melhor maneira possível, e constituem, em muitos casos, uma chave para se inferir sobre a natureza do som. Por outro lado, as variantes que o autor incluiu como correspondentes a um mesmo termo Alemão refletem as possíveis correspondências, num dado contexto, para itens elicitados através de mímica, e de fato enriquecem a obra.

Isto contraria a opinião de alguns pesquisadores (cf. Emmerich &Monserrat; 1975:25) de que tais variações representariam formas de diferentes dialetos, indistintamente incluídos por Rudolph no Wörterbuch.

Isto demonstra também que a utilização de vocabulários não analisados pode levar a conclusões precipitadas.

Cumpre observar a importância que teve o conhecimento disponível sobre a língua Botocudo atualmente falada - o Krenak/Nakrehé - para a análise e confirmação das conclusões a que se chegou neste trabalho, em particular sobre as nasais surdas.

Por outro lado, a análise aqui apresentada poderá ser útil no sentido de possibilitar um estudo da fonologia e da gramática do Naknanuk, em continuidade ao trabalho de documentação da língua. O conhecimento mais aprofundado desta, por sua vez, se constituirá em

subsídios para a investigação do Krenak/Nakrehé.

Espera-se que este trabalho possa contribuir também, ainda que modestamente, com procedimentos para análise de listas vocabulares, única forma de documentação disponível sobre várias línguas brasileiras já desaparecidas.

BIBLIOGRAFIA

Bridgeman, Loraine. 1958. "Questionário de Material Lingüistico para o Arquivo de Língua Vivas. Língua Krenak - Nakrehé." Summer Institute of Linguistcs. Manuscrito Inédito, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Câmara Jr., Joaquim Mattoso, . 1959. "Do estudo tipológico em listas de vocábulos indígenas brasileiros". **Revista de Antropologia,** Universidade de São Paulo, vol.7 (1-2):23-30.

————. 1977. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

Castelnau, Francis de. 1952. **Expédition dans les parties centreles de l'Amérique du Sud.** T.V. **Histoire de Voyage.** Paris.

Debret, Jean Baptiste. s/d. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** Tradução e notas de Sérgio Millet; Circulo do Livro, São Paulo.

Ehrenreich, Paul. 1887. Urber die Botokudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Gerais. **Zeitschrift für ethonologie** T. 19:39-81.

Emmerich, Charlotte & Monserrat, Ruth. 1973. Vocabulário Botocudo. Manuscrito inédito.

Emmerich, Charlotte & Monserrat, Ruth. 1975. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas Lingüísticas. Boletim do Museu do Índio (Antropologia) n.°3, Rio de Janeiro.

Eschwege, W.C. von. 1818. Journal von Brasilien, oder vermischte Nachricten aus Brasilien, auf wissenschaftlicheb reisen gsammelt. Erster (sic!) Heft, Weimar.

Estado de Minas (jornal de publicação diária) de 16/05/1980:6; 17/05/1980:9; 18/5/1980:16.

Estigarribia, Antonio. 1934. "Trecho de um Relatório apresentado pelo Inspetor Antonio Estigarria Diretoria do serviço de Proteção ao Índios, no ano de 1912, relativamente aos Índios do Rio Doce". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito santo,** vol. 8.

Hartt, Charles Frederick. (s/d). Vocabulário Botocudo. Manuscrito. Biblioteca Nacional (CEHB-1/32, 12,7, n.° 11.5060).

———————. 1941. Geologia e Geografia Física do Brasil.

Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti; Companhia Editora Nacional, São Paulo.

Jomard, M. 1847. "Notícias sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulário de seu idioma e de algumas observações. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** T. IX:107-113. Rio de Janeiro.

Ladefoged, Peter. 1975. **A course in Phonetics.** Harcourt BraceJavanovich, Inc.,New York.

Loukotka, Cestmir. 1955. Les Indiens Botocudo et leur Langue. **Lingua Posnaniensis,** T. V:112-135.

Marcato, Sonia. 1979. "A repressão contra os Botocudo em Minas Gerais." **Boletim do Museu do Índio.** (Etno-História), n.º 1. Rio de Janeiro.

Marlière, Guido Tomás. 1905. "Idiomas ou Línguas dos índios. Língua Botocudo." **Revista do Arquivo Público Mineiro,** T. X:544-549.

_____. s/data. "Vocabulário Português - Botocudo". Manuscrito Inédito. Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Martius, Carl Friedrich Philip von. 1969. **Beiträge zur Ethnografie und Sprachenkunde Amerika's zumal**

Brasiliens. T. II **Zur Sprachenkunde. Glossaria Linguarum Brasiliensium.** Wiesbaden (reprodução fotomecânica da edição de 1867).

Monteiro do Amaral, Pe. Claro. 1948. **Vocabulário Português-Botocudo.** Museu Paulista, Boletim II, Documentação Lingüística, São Paulo.

Nimuendaju, Curt. 1939. Vocabulários Botocudo: Nakynianuk, Arana. **Über die Botocudo.** Manuscrito Inédito. Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Ottoni, Theófilo Benedicto. 1858. "Notícias sobre os selvagens do Mucury. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** XXI. Rio de Janeiro.

Paula Martins, Maria de Lourdes. 1958. Vocabulário Botocudo de Charles Frederich Hartt. **Miscellanea Paul Rivet, Octogenário Dicata,** Vol.II. XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Universidade Nacional Autonomia de México.

Pike, Kenneth L. 1976. **Phonemics.** A technique for reducing languages to writing. Ann Arbor, University of Michigan Press.

Renault, Pedro Vitor. 1838. Deus Vocabulaires de la

Langue des Botocudos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**,T. XXXIV. Rio de Janeiro, 1871.

_____. 1903. Vocabulário da língua dos Botocudos Nacnanuks e Giporocas, habitantes das margens dos Rios Mucury e Todos-os-Santos, também idêntico ao dos Kraik-mús habitantes das margens do Rio Gequitinhonha. **Revista do Arquivo Público Mineiro** Vol.8, Ano VIII.

Ribeiro, Darcy. 1957. **Os índios e a civilização.** São Paulo, Linoart Ltda. e Círculo do Livro S A.

Rodrigues, Daniele Marcelle Grannier. 1974. **Fonologia do Guarani.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, inédito.

Rodrigues, Aryon Dall'igna. 1972. "Línguas ameríndias." **Grande Enciclopédia Delta Larousse**: 4034-4036. Rio de Janeiro.

_____. 1986. **Línguas Brasileiras.** Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo, Edições Loyola.

Rudolph, Bruno. 1909. **Wörterbuch der Botokudensprache.** Hamburg.

Saint-Hilaire, Augusto de. 1938. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (1830 - 1833).** Brasiliana, Série V, Vol.126A:133-134, São Paulo.

Sebestyén, Eva. 1981. "H. H. Manizer's Folclore Texts". **Artes Populares**, 7:140-163. Budapest.

Seki, Lucy. 1981. "Levantamento Populacional e Genealógico dos Botocudo". Manuscrito não publicado.

_____. 1982. "Vocabulário Português - Botocudo (Krenak/Nakrehé). Manuscrito não publicado.

_____. 1983. "Estado atual do Povo e da Língua Krenak (Botocudo). Manuscrito inédito. Apresentado em Colóquios Lingüísticos, IEL, Unicamp. Campinas.

_____. 1984a. "Botocudos - Notas paraa história de uma sobrevivência". Manuscrito não publicado. Apresentado em Colóquios Lingüísticos, IEL, Unicamp. Campinas.

_____. 1984b. "Problemas no Estudo de uma língua em Extinção" **Boletim da Abralin**. n.° 6:109-118, Campinas.

_____. 1985a. "A Note on the Last Botocudo

Language". **International Journal of American Linguistics,** Vol.51 (4):581-583.

————————. 1985b. "Descrição fonética e fonológica do Krenak/Nakrehé". Manuscrito não publicado.

————————. 1986a. "Sintaxe da Língua Krenak/Nakrehé". Manuscrito não publicado.

————————. 1986b. "Notas para História dos Botocudo (Borum)." Comunicação apresentada a IX Reunião da ANPOCS, Curitiba. (no prelo).

————————. 1986c. "Sintaxe do Krenak/Nakrehé". Manuscrito inédito.

————————. 1987. "Aspectos da Gramática Botocudo" Manuscrito não publicado.

————————. 1990. "Apontamentos para a Bibliografia da Língua Botocudo/Borum **"Cadernos de Estudos Lingüísticos,** n.º 18:115-142 - jan/jun. Texto apresentado no GT.História Indígena e do Indigenismo; no X Encontro anual da ANPOCS, em Campos do Jordão, em São Paulo, out/86.

Silva, Thais Cristófaro Alves de. 1983. "Os índios Krenak

e a memória lingüística". **Boletim de Abralin.** n.º 4:89-96, Recife.

_____. 1986. **Descrição Fonética e Análise de alguns Processos Fonológicos da Língua Krenak.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Stout, Mirian Elizabeth (1973) - **Relatório lingüístico ao General Demócrito Soares de Oliveira.** Manuscrito inédito. Arquivo do Summer Institute of Linguistics, Brasília.

Tschudi, Johann Jakob von. 1966. **Reisen durch Sudamerika,** Leipzig.

Wied-Neuwied, Maximilian Prins zu (1940) - **Viagem ao Brasil.** Brasiliana, Grande Formato, série 5, Vol. I. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Edição refundida e anotada por Olivério Pinto. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

APÊNDICE

LISTA DE PALAVRAS QUE APARECEM NO TEXTO SEGUNDO A GRAFIA DE RUDOLPH

Abelha: bekáne

Açúcar: atschuk

Água: minjan; minian; kminjan

Alegre: hinkantschan; kantjan

Ali: kira, knira

Alimento: amankut

Aqui: kre; kle

Aranha: ankorit; angori, angorit

Arana (nome de tribo)

Arara: kataran, hataran, ataran

Araçari: main main

Arco: nem, tnem, knem

Areia: omnian

Árvore: tschon

Atirar: tschin anglin (atirar na caça)

numlin; numrin, numrlin (atirar, bater)

Atrás: antjore; amtschore (cf. depois)

Através: angrop; ankrop

Banana: jipokan; japokan; jupokan

Bebe (criança pequena): nan tŏn tŏn

Beijar: wup, woap

Besouro: krampat; klampat

Boca: hapiki; kiapiki; apiki

Bocejar: empehek; pehek

Bom: rlhehé, erehe

Borboleta: jakekek; jakukek

Botocudo (índio Botocudo): emporum, porum

não Botocudo: krahi, krai

Botoque: himkma apok

Braço: ninun; kinun; njinun

Bravo: jakischem; schakischem; jakijan; jakijun

Brincar: intschum scha

Buraco: ma; pma, kma

Cabaça: kuté

Cabeça: kren

Cabelo: krinke; ke

Caçar: njoknar

Cachorro: hinkõn

Caetetu: hikoém; hoknem;

Cana de açúcar: gnumrin; gumrin; numrin; gumrin nek (cana doce)

Cafuzo: mawon (mestiço de preto com índio)

Cansado: hararáte

Carne: nik; nip; tschin nik

Casa: kischem

Catarro: angoshina; ankujin

Cesta: himbrakak; brakak

Céu: taru

Chamar, nome: juntjak

Cheio: mot

Cheirar mal: woäm; wo am; wa om

Cheiroso: kuí

Chifre: kren joém; intjovem; intjoema

Cipó: kujum; kuschum (cf. corda)

Cinza: tschaku

Cobra: hingran; gran; ngran

Coco: pontjak

Coisa: kon

Colar: po at

Comer: tschini ankut (comer carne de bicho)

Conversar: amiampram kuran nuk (eu não quero conversar);
amia pram; amiam pram

Coração: ta tun; tetu; intatu; teitun

Corda de arco: jitak; jintak

Corda: kujun

Cortar: atne, hatne

Coruja: hokokan; hokokoém

Costela: inta; tshin inta " costela de bicho "

Cozinhar: ketot, kitot; kitote

Criança: kruk; kruk min (filhinho)

Cru, fresco: tip

Cunhado: jantschu

Curto: mek mek

Cuspir: ankujin (cf. catarro)

dançar: (hi)ntek; antekenja

Dar: upe; um; up; huk um

Defecar: kijotang (intestino)

Dente: jun;tschini jun "dente de animal"

Depois: jore; antschore; amptschore

Depressa: majipraep; majipret

Descansar: rarat; erararat

Descer: tschik

Doce: nik (cf. carne)

Doer: nirun

Dormir: kome, knumme; ak mum me

Duro: maram; pram

É: knõk (?)

Ele: nan; nan gran

Engolir: ankut; mankut; nankut; amankut

Esconder: intscham; kijak intscham

Esperma: kijakĕn pum; kijukĕn pum

Estou bem: ngrehe

Estrela: et et

Eu: ati (eu, me, a mim); ati ti

Faca: krlak

Falar: aun

Falso, inimigo: japokoé

Fantasma: nantschon

Farinha: moí; parin (Português?)

Ferida: niak

Fígado: tscin kupan ("fígado de animal")

Flecha: waischik; kuanschik

Flor: aminkáki; hinkanki; tokon minkaki

Formiga: prik

Furar: atuk

Galinha: ãã jopu; ãã inku ("ovo de galinha")

Gambá: njunju; njun ju

Gavião: ó ó; on on; õn

Gostar, querer: pram, prap

Homem (ser humano): pota; kota; kotoē; kotoé

Homem: uaha; waha, vaha, oaha

Índio Botocudo: emporum, porum

Ir: mum

Irmão: kijak; jak

Jacaré: kahe; ache; kache

Lá: gamra; amrá

Lábios: pma; kma

Lagarta: intut intut

Lagoa: pitak; mitnak

Leite: parãk jop ("amamentar, sugar o leite")

Levantar: tschin a hut ("levantar o animal, a caça")

Língua: kitschok

Longe: huva an; huva-huva an; huwa

Lua: monjak

Macaco: kupirik; kuperik

Maduro: ra; rak

Mãe: jopu; kijopu; kijijopu

Magro: knien; hinjen

Mais, repetir: nta

Mamão: krot

Mão, pé; pata; po; impo

Martim-pescador: kniek

Mastigar: aknap

Mau, ruim: tõn tõn

Medo, vergonha: kräk; kraëk

Mel: pang

Mentiroso: japokwin (cf. falso)

Moça: injuknan waha (literalmente: mulher homem)

Morrer: koem; koém

Mosca: kip

Mosquito: pitang

Muitos: uruhu; uruchu

Mulher: injuknan; juknan

não Botocudo: hingora; ngora; hinkora

Negação: nup; nuk

Nariz: kijin; kischin

Noite escura: ampim

Nós: hingran

Olho: ketom, kitom

Onça: kuparak

Onde: hakre; hakare

Orelha: knjohon

Osso: kischek; kijek; jeki

Outro: intschak

Para baixo: jowa, jova

Pássaro: bakan; pakan

Pátria: intaru

Pedaço: tno; kno

Pedra: takruk

Pegar: men

Peito: paräk

tschin tmim ("peito de animal")

Peixe: himpok

Pele, casca: kat; tschin kat ("pele de animal")

Pênis: kijuk; kischuk

Pequeno: kudschi; kuschi

Perfurar: nutuk

tõn; tõn tõn

Permanecer: hau ēn

Perna, coxa: pmak; kmak

Piolho: inknan ("piolho dele")

Podre, mau cheiroso; wäom; wãom

Polegar (dedo): po jopu; jipó; jopok jopu

Porco: kurek

Por que: hokonim prä; hokonim prã

Preguiça (animal): iho;

Preguiça pequena: iho kuschi

Preto, negro: hingora; hinkora

Pular: nahan

Quebrar: atãn

Queimar: ambruk

Quem: inan

Querer: kuran

a) tinun kuran nuk; ti mum kuran nuk "eu não

quero ir"

pram

a) minjan pram "quero água"

b) pram nuk "eu não quero"

Rã: haõp; haõp tum jipakischu "espécie de rã grande"

Raiz: jopok; schopok

Rato: nat nat; net net

Rio: uwatu

Rio acima: ampakuí

Rir: han; ran

Saber: jaji; hingoé jaji "nós sabemos"

Saco: tang

Sangue: komtjik; kamtschak; akomtschak; komtschik

Semente: jam

Sentar (estar sentado): injep; inhep; njep

Sob: angropo; angrupu; ankropan

Sobre: jukupan; jukopo; jukupa

Sol: tepo; tepo jitscha, tepo jitschak "sol quente"

Sono (estar com sono): kukijun; kukischun

Suor: u u

Tabaco: angnan

Tatu: hinkuntjun; hinkuntschum

Torto, curvo: intan; tan

Tosse: ahum; arum

Trago, gole: ã (?)

Tremer: ra ra

Unha: poreknati; porenan; porehan; poremknat; pohimnati

Um, pouco: potschik

Urubu: ampak

Vagina: kijok; kijo

Velho: jokon; jokom

Ver: pip; nangrin pip ("eles vêem")

Vermelho: emburuk; mbruk; prukukuk; ambrukukuk

Você: oti; hoti

ERRATA DE ANÁLISE DO WÖRTERBUCH DER BOTOKUDENSPRACHE

Pág.	Parág.	Onde se lê	leia-se
Dedic.	2	"travada"	"travada",
Agrad.	6	Enfim agradeço a todos que	Enfim agradeço a todos os que
Resumo	1	Trata-se do mais extenso - material registrando a	Esta obra constitui o mais extenso material referente à
	2	...grafia do autor e, a partir dela, ...considerações fonológicas.	grafia de Rudolph, sistematiza seus dados, ...considerações sobre a fonologia da língua.
		bem como a língua falada	bem como as informações disponíveis sobre a língua falada
Abrev.		Maximilian	Maximilian,
Símb.			~ variação livre
01	3	tal como	tais como
06	4	nativos abre	nativos, abre
		materais	materiais
07	3	itens muitos	itens, muitos
	4	consistem	consiste
08	3	análise está	análise esta
12	2	À medida em que	À medida que
13	2	no século XIX	no século XIX,
14	3	contribuiu	contribuiu
15	3	e sua língua	e sua língua,
16	2	(Borum),	(Borum)",
	4	(1863)	(1867)
19	3	no rio Doce por mais uma semana...	, no rio Doce, onde permaneci por mais uma semana,...
	4	e que	que
25	3	lexiciais	lexicais
26	cont. pág. ant.		incluir: Marlière (s/d)
	1	lingüístas	lingüistas
27	1	1982.	1982
29	3	['tš̆ak]	['tš̆ak¯]
31	4	José Anato,	José Anato
35	2	,foi feito	foram feitos

37	2	colhidos, (cf.Câmara;1959: 26)...	colhidos (cf. Câmara; 1959:26),
	3	tratado a seguir.	tratado adiante (2.2.2.).
38	2	Edward	Eduard
41	1	, e que	e que
43		língua, e que portanto	língua e que, portanto,
45		WORTERBUCH	WÖRTERBUCH
	2	utilizou, e que vem	utilizou e que vêm
46		Deschengis Kan	Dschengis Khan
	2	que se supõe	que, supõe-se,
50		12 c ...veem	vêem
53	2	amiampram ~ amiampmeram ~ [ʔámn̥apm̥ă'rãŋ]	amiampram; amiampmeram; [ʔamn̥apm̥a'ɾ̆ãŋ]
55	2	que, por outro lado,	que
59		[ʔɔ̃ʔ'ɔ̃ʔ] "gavião"	[ʔɔ̃'ʔɔ̃ʔ] "gavião"
	3	diacrítico " -	diacrítico " - "
60		l. em posição incial	l. em posição inicial
62	1	[u] vogal alta posterior	[u] vogal posterior alta
64		(45)b)...(cf. [ku'tə?])	...(cf. Kr. [ku'tə?]
		c)...(cf. [hɔkɔ'kɨn])	...(cf.Kr. [hɔkɔ'kɛ̃n])
65		(49) b) ɛ̃	ẽ
		f) ɔ̃	õ
66		(50) i ɨ u	i ɨ u
	3	ao se referir a	ao se referir à
68	2	Seki (1985b).	Seki (1985b)
	2	[ö] vogal central poste- rior não arredondada	[ö] vogal anterior média arre- dondada
	2	[ë] vogal central anterior arredondada	[ë] vogal posterior média não arredondada
69	1	(ver p.64)	(ver p. 65)
75		(68)c. cudgi "pequeno"	cudgí "pequeno"
80	1	representado pr	representado por
		------	3.2.3.5. Semivogais
82		3.2.3.5.Nasais	3.2.3.6.Nasais
		3.2.3.5.1. Nasais vozeadas	3.2.3.6.1. Nasais vozeadas
84		3.2.3.5.2. Nasais surdas	3.2.3.6.2. Nasais surdas
		3.2.3.5.3. Consid. (...)	3.2.3.6.3. Considerações ...
87		3.2.3.6. Oclusivas...	3.2.3.7. Oclusivas...

88		[nt] oclusiva dental surda precedida de nasal vozeada dental	[nt] oclusiva alveolar surda precedida de nasal vozeada alveolar
89		[ntš̌]...vozeada alveolar vozeada...	[ntš̌]...alveolar vozeada...
90		3.2.3.8.1. Consid. (...)	3.2.3.7.1. Considerações ...
	3	Corrobora esta	Corroboram esta
	5	Debret referindo-se	Debret, referindo-se
		letra nãose articula	letra não se articula
91	1	igualmentedo	iqualmente do
	3	lingüistas	lingüistas
	4	consonatais	consonantais
		por vogal,	por vogal
93		nasal surda: m n ñ ŋ	m̥ n̥ ñ̥ ŋ̥
94		[paˈntə?]	[paˈntɨ?]
		[kuˈtə?]	[kuˈtɨ?]
95		[kɨ̃mˈdž̌ə̥k¯]	[kɨ̃mˈdž̌ɨ̥k¯]
		[ˈxə̃ŋ]	[ˈxɨ̃ŋ]
96		[ř̌əˈř̌ə?]	[ř̌ɨˈř̌ɨ?]
		[ˈmət¯]	[ˈmɨt¯]
96		[mõˈñak¯]	[m̥õˈñak¯]
98		(103) c) ...~ [yakiˈž̌ə̃m]	...[yakiˈž̌ɨ̃m]
98		e) ...~ [ki zukˈ]	[kiˈž̌uk¯]
99		(105) a) [mpruku'kuk¯] ~ [mbruku'kuk¯]	[mpř̌uku'kuk¯] ~ [mbř̌uku'kuk¯]
	3	A presença das oclusivas vozeadas, notadamente a bilabial	As oclusivas vozeadas, notadamente a bilabial,
101		(112) c) [ãm-dž̌o̥'ř̌ɛ]	[ãm-dž̌o̥'ře?]
		(113) a) ['krɛ̃n]	['kř̌ɛ̃n]
		c) [krɛ̃n-dž̌o̥'wɛ̃m]	[kř̌ɛ̃n-dž̌o̥'wɛ̃m]
102	4	constam deste	constam neste

104	1	Rudolph, coletado	Rudolph, autor do material coletado
	3	coerente ao registrar os dados do Naknanuk	coerente, ao registrar os dados do Naknanuk,
105	1	&Monserrat	& Monserrat
106	1	com procedimentos para análise	com alguns procedimentos para futuras análises